



Jornal

UNIVERSITÁRIO

Nº 1

RECIFE — SETEMBRO — 1977

ANO X

ÓRGÃO
DA
UFPE

ACARAJÉ PELA HORA DA MORTE



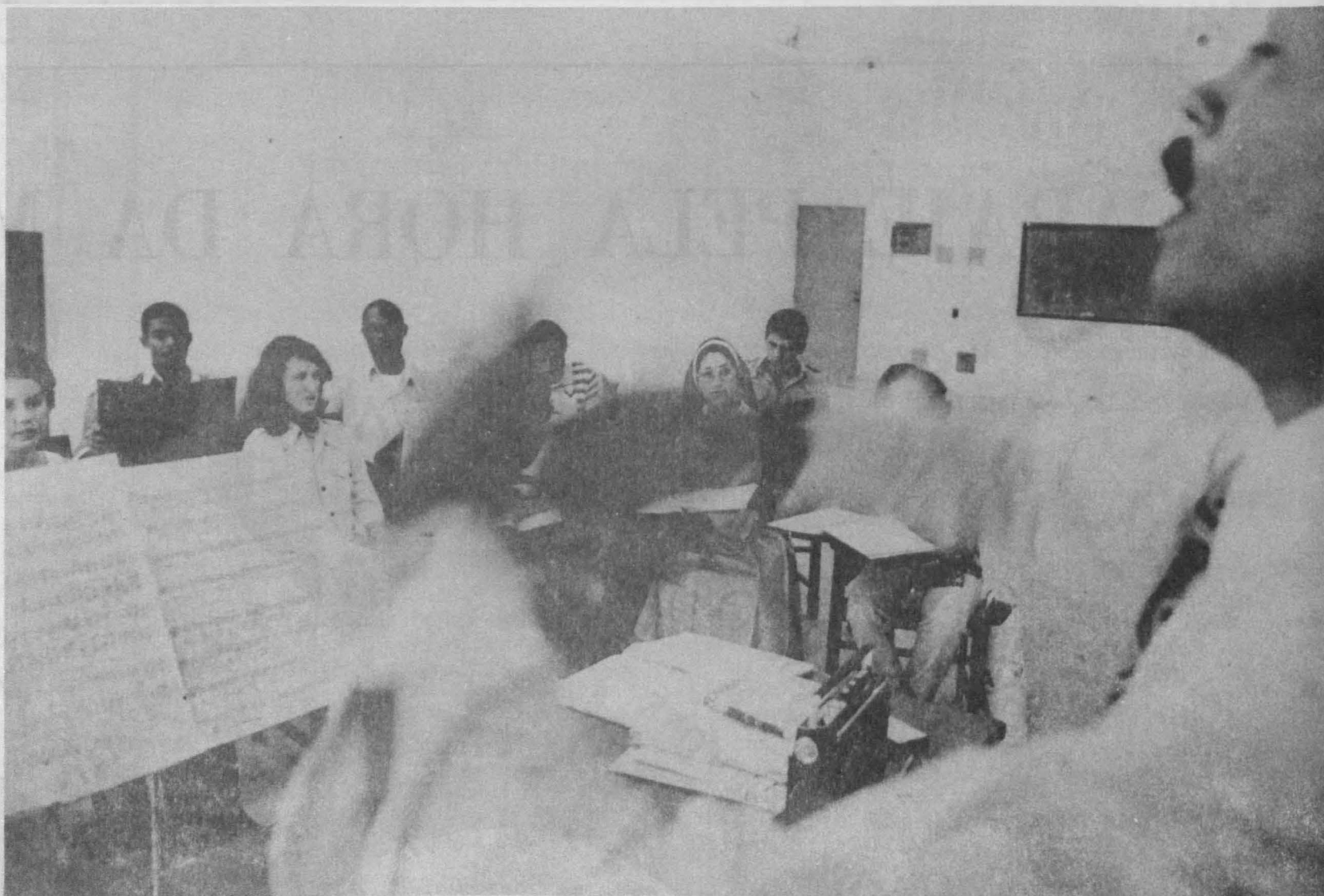
Estudantes não deixam teatro morrer

PREÇO CR\$ 3,00

ORQUESTRA E MAESTRO: A OPINIÃO DE UM REGENTE

José Amaro Santos da Silva é o regente titular do Coral mantido pelo Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco. Esta entrevista ele deu ao JORNAL UNIVERSITÁRIO antes da estréia do Coral, ocorrida no dia 9 de agosto, quando umas duas centenas de pessoas acorreram à inauguração da LIVRARIA GERAÇÃO 65, na Casa da Cultura. A entrevista resulta numa síntese do que o maestro supõe ser a música, o regente, o público e os períodos musicais.

Remontando ao célebre maestro alemão Hans de Bulow, José Amaro afirma que não há propriamente más orquestras, mas apenas maus maestros. Para ele, «o intérprete deve estar capacitado esteticamente para compreender a obra e transmiti-la aos ouvintes, de acordo com o requerido pelo estilo que campeia nele e a época e personalidade de seu autor».



P — Como deve ser a música?

R — Respondo com as palavras do compositor francês Claude Debussy: «A música deve procurar, simplesmente, deleitar. A complicação é a antítese da Arte. É preciso que a beleza seja sensível». A música, enquanto apenas escrita na pauta, não representa nada mais que uma grafia morta, principalmente para as pessoas leigas. A música, seja ela vocal ou instrumental ou mesmo a conjugação de ambos os tipos, vocal e instrumental, para ser sentida e emocionar aos que ouvem é necessário que seus intérpretes transmitam a mensagem sonora em toda a sua plenitude.

P — O que é um regente?

R — O regente é o maior responsável pela boa condução dos músicos, no sentido interpretativo, de qualquer obra musical. Não cabe somente ao músico, no caso o instrumentista, conhecer apenas os rudimentos teóricos da música capazes de lhe deixar com amplas condições de solfejar bem, nem somente os conhecimentos técnicos do instrumento que executa. Cabe ao músico, não só a base necessária dos conhecimentos teóricos, mas, principalmente, saber interpretar, expressando a música de acordo com o pensamento do autor; e, para isto, é necessário que ele conheça a estética e a história de cada obra, para melhor situá-la no tempo e no espaço, ou seja, a época em que foi composta e o lugar em que o compositor concebeu a sua música — falo aqui no sentido das diversas escolas: alemã, francesa, italiana, etc. —, a fim de transmitir o verdadeiro sentido e espírito da obra àqueles que se deleitam, ouvindo. No caso do corista que deve conhecer todas as características já anteriormente explicadas, com excessão da técnica instrumental, deve o cantor de coro conhecer línguas porque no caso da música coral há o problema inicial da interpretação do texto para melhor expressá-lo nos sentidos linguísticos e sonoros. Já o regente, este sim, e o maior responsável pela boa expressão na interpretação das obras. O regente que domina uma partitura de orquestra ou de coro, deve sobretudo conhecer o solfejo rítmico e melódico, harmônico e contrapontístico, além dos segredos de instrumentação, e também conhecer, aí em nível teórico, pelo menos todos os instrumentos para em ocasiões precisas saber indicar ao músico como o mesmo deve interpretar determinado trecho de música dentro de determinada atividade técnica do instrumento. Aí surge outra faceta na atividade do regente que é a necessidade do conhecimento didático do instrumento e saber orientar dentro de uma pedagogia capaz de se fazer entendido pelo músico e, assim, obter o rendimento desejado.

P — Diga-nos mais claramente: como é que se estabelece

um real contato espiritual entre o músico e a própria pessoa do regente?

R — Para que o regente consiga estabelecer esse contato espiritual entre músicos e cantores e a sua própria pessoa, é indispensável que os movimentos de seus braços sejam espontâneos e fáceis, significativos, calorosos, sinceros, não ditado por uma regra inflexível, mas representem realmente o extravasamento de seus sentimentos, marcados pela sua personalidade. É indispensável que a música pareça fluir de suas mãos sem esforço nem violência, convertendo-se em arabescos sonoros que pareçam bailar como em uma dança — ganhando em transparência, objetividade, brilhantismo, plasticidade de detalhes e encanto. Assim, os movimentos de seus braços devem ser ditados apenas pela vibração de seus sentimentos; que o seu braço direito tenha a liberdade de, quando necessário, poder reforçar o que faz o esquerdo, e vice-versa.

P — E o público? Entende o público, por acaso, a mensagem?

R — Wilhelm Furtwaengler, um dos maiores chefes de orquestra na Alemanha, a propósito de público despreparado, de rubato e de regentes, disse certa vez: «O falso rubato não é o único expediente por meio do qual os intérpretes que dele necessitam visam acrescentar por fabricação o que lhes falta por natureza. O público, sobretudo o das grandes cidades, raramente sabe distinguir nos gestos de um chefe de orquestra o que é ditado pela música e lhe serve para dirigir daquilo que são trejeitos vazios de sentido e se destinam à galeria. Dir-se-ia mesmo que o público acha muitas vezes este gênero de pose indispensável, como se o falso rubato dos pianistas e os gestos falsos dos chefes de orquestra fossem condimentos sem os quais a sua arte teria falta de sabor». Citando Hans de Bulow, o maestro alemão diz não haver más orquestras, mas unicamente maus maestros. Toda concepção musical responde a uma concepção estética própria ou alheia, revolucionária ou não, pessoal ou influenciada, porém livremente escolhida pelo compositor que não se sinta mediatizado, que não atue abaixo de pressões alheias à sua vontade. Embora não se deva esquecer que grandes compositores do passado dependeram economicamente de poderosos senhores que os tinham a seus serviços e que, em consequência, puderam sugerir-lhes ou impor-lhes condições na música que para eles escreveram. Por isto cada composição tem suas características, aspira a impressionar umas vezes sensorial e outras espiritual ou intelectualmente o ouvinte, leva em si uma mensagem que busca e espera a compreensão de quem porventura a receba e não a rejeite. A música necessita ser interpretada para chegar ao ouvinte. O

intérprete deve estar capacitado esteticamente para compreender a obra e transmiti-la aos ouvintes, de acordo com o requerido pelo estilo que campeia nele e a época e personalidade de seu autor.

P — E quanto aos períodos musicais?

R — A música no estilo Românico baseia-se principalmente nos modos das músicas Bizantinas e Judias. Nesse período ela é vocal, não havendo acompanhamento instrumental; as letras são em latim; o que caracteriza o período são os cantos Gregorianos. Já no Gótico começa a surgir a música vocal acompanhada e reforçada por instrumentos. É nesse período que surge o Moteto, e os grandes compositores da época são Guillaume Machaut, Perotinus e John Dunsby. No Renascimento surge uma revalorização dos ideais estéticos da antiguidade clássica. Josquin Després, Palestrina, Orlando di Lasso, Clemente Jannequin, Cláudio Monteverdi, além de outros compositores dessa fase, já compõem a Missa, o Madrigal com parte instrumental melhor trabalhada e algumas consonâncias imperfeitas nas linhas melódicas. O Barroco significa riqueza de contrapontos. A Ópera Dramática, a Cantata, a Fuga e o Concerto Grosso são algumas das mais importantes formas do período. E Vivaldi, Bach, Handel, Tartini, Scarlatti, entre outros, são os representantes típicos do Barroco.

Já o Rococó ou Galante serviu como uma ponte estilística entre o Barroco e o Clássico. As características do Rococó são as melodias enriquecidas por ornamentos à forma dos rendilhados das artes plásticas. O período do Classicismo é caracterizado por revoluções no campo musical, tendo a forma Concerto como a mais importante. As Sinfonias e as Sonatas também caracterizam esse período. A tonalidade e a harmonia já estão firmadas e os principais compositores são Mozart, Stamitz, Haydn, entre outros. O Romantismo dá ênfase aos valores humanos, seus sentimentos, e supõe uma oposição à rigidez do Classicismo. Os mestres mais importantes do período são Schubert, Liszt, Berlioz, Brahms, Chopin, Wagner, Beethoven.

As criações musicais dos compositores citados foram concebidas, como todos sabem, em épocas diferentes, em que a vida e os costumes dos povos de nações distintas, em que as ambientações, as paisagens, o folclore, etc., precisam e devem ser reinterpretadas, recriadas, tudo de acordo com a natureza de cada uma. Assim, regentes, instrumentistas, coristas e intérpretes em geral devem conhecer sobre tudo isso, a fim de melhor expressar, interpretando para as gerações, aculturando-se, para que não se desconheça a estética, os estilos dos autores desde o período medieval ao século em que vivemos.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 1 — RECIFE — SETEMBRO — 1977 — ANO — X

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Lafayette Bezerra
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedicto de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Pró-Reitor de Apoio Administrativo	Rubens de Souza
Chefe de Gabinete	Eduardo Cabral de Melo
Relações Públicas	Miguel Otávio de Melo Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero
.....	Ângelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
.....	Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no casarão n.º 574, da Rua Joaquim Nabuco. Graças — Recife — PE.

A QUEDA DO NÍVEL

Um ponto que está a merecer reflexão, principalmente por parte das autoridades do setor, é a queda do nível do nosso ensino. Cada vez mais ponderável. As recentes enquetes feitas pelos maiores jornais do País, reunindo a opinião e respostas de estudantes a respeito de assuntos variados, bem que poderiam ser levadas em consideração. Quando nada foram reveladoras, ratificaram o despreparo de grande parcela da nossa juventude.

A quem e a que atribuir o problema? Certamente que a uma série de fatores. A começar pela necessidade de se rever programas, currículos, etc. Aliás, no entender do senador João Calmon, presidente da Comissão de Educação, do Senado Federal, errado está todo o sistema educacional brasileiro, desviado dos seus verdadeiros objetivos. Aponta, por exemplo, a política de dotação orçamentária segundo a qual 60 por cento dos recursos atribuídos ao MEC são destinados à educação de 3º Grau, universitária, enquanto à de 1º Grau, ao ensino primário, destinam-se apenas 13 por cento, quando deveria ser exatamente o contrário.

Começa aí, na distribuição do orçamento, das verbas disponíveis, poucas verbas, diga-se de passagem, na concepção do representante capixaba, um dos ângulos do angustiante problema. Sem dúvida nenhuma, como prometedor, quando nada gerador de outras imperfeições que, no somatório geral redundam no que aí está: os níveis cada vez mais baixos do nosso ensino, não obstante o empenho no sentido de superá-los. Mas de nada valem medidas paliativas se as bases não são vasculhadas, os programas revistos nos seus diversos segmentos.

Alertas não têm taltado. E o posicionamento do senador João Calmon, apenas para citar um, é insuspeito, ele que não é apenas um político mas também um entusiasta, com larga folha de serviços prestados à causa da educação no Brasil.

Registre-se igualmente o esforço do Ministério da Educação e Cultura. Não se está de braços cruzados. Mas há muito que fazer nesse equacionamento. Sabe-se que o problema é dos mais complexos, por isso mesmo, merece tratamento especial, sem adiamentos. É prioritário.

A Reforma Universitária — uma das faces da mesma moeda — tem sido amplamente atacada, inclusive entre professores, os que vivem o dia-a-dia, sentem na própria pele, portanto, o problema. Comenta-se, entre

outros pontos, que o sistema de departamentos (modelo norte-americano) não tem dado muito certo entre brasileiros; que os sistemas personalizados, unificado, integrado — entre outros **ados** — não têm correspondido à expectativa. Mecanizou-se demasiado — e a massificação, pelo menos no âmbito universitário, é fator preponderante. E aí estão os testes de múltipla escolha, as respostas em quadrados, as famosas apostilas, enfim, o estudante é impelido a uma série de evasivas que conduzem tão somente ao imediatismo, ao «aprender para passar, conquistar o diploma», nada mais. Aprender que é bom, fica para depois...

Em recente entrevista a este Jornal, o escritor e acadêmico Berguedof Eliot fez sérias advertências quanto à tendência profissionalizante e tecnicizante do ensino jurídico. Observa ele que, atualmente, o que temos visto é uma espécie de esvaziamento, um lamentável desprezo das disciplinas de conteúdo filosófico (lembrou a substituição da cadeira de Filosofia do Direito pela de Introdução à Ciência do Direito). Realidade que se estende a outros setores das ciências humanas. Para não dizer também a outras áreas.

O Professor Djacir Menezes também chama a atenção para o problema. No seu livro **A Filosofia do Direito**, ele adverte que, o exemplo da profissionalização que se fez nos quadros docentes das ciências tecnológicas ou generalizando mais — das ciências físico-naturais, não serve de paradigma ao curso das ciências sociais e no caso aqui especificamente, ao curso jurídico».

Tais observações bem que poderiam, como podem, ser uma amostragem, no âmbito de uma área, no caso, ciências humanas. Há lamentos semelhantes e de conotações outras, válidos para as demais áreas do ensino universitário, questionando o problema. Lembraríamos, aqui, a exclusão da redação no ensino de 2º Grau e, por extensão, dos vestibulares. Nada mais lamentável, mormente num País como o nosso, em que o índice de leitura é ínfimo, o conhecimento da língua, o Português, deixa muito a desejar. Felizmente, o erro foi reparado, a redação está voltando — depois de quanto tempo! São falhas que refletem diretamente na queda do nível do ensino brasileiro. E quando um estudante é convidado a enfrentar questionários, as respostas são as mais estapafúrdias; paciência, ele é o menos culpado.

Perspectiva

ROBERTO AGUIAR

A consciência do direito

A determinação do pensamento, pela realidade material, especialmente, pela econômica, é, sem dúvida uma questão já, um pouco, fora de moda. Hoje, as disputas a respeito do assunto são, na maioria, retóricas. Atualmente, a questão é mais a de se saber qual o grau de independência do pensamento, do que a de reconhecer-lhe o condicionamento histórico. Tais questões não se resolvem com mapas estatísticos, por mais elaborados. Não que a análise estatística seja desprezível. Mas, porque a análise destas questões não se esgota nas correlações estatísticas, uma vez que, em qualquer circunstância, o relacionamento entre pensamento e realidade material, é um relacionamento sintético. Isto é, trata-se de uma relação de opostos reais e complementares. É, portanto, uma relação dialética.

Talvez fosse mais fácil, hoje — quando domina o espírito tecnocrático — se coletar índices e indicadores estatísticos e, mediante a descrição em curvas, discursar sobre a dependência, ou a independência, dos movimentos jurídico-políticos atuais, face à conjuntura econômica brasileira. Entretanto, por mais sofisticado, este procedimento jamais revelaria o real significado jurídico e político da Carta Aos Brasileiros, por exemplo. Isto, porque, a nível da consciência, no plano da cultura, a realidade não é a fração. É a totalidade, seja qual for o suporte ou o sentido materiais deste todo. A consciência é, material e sociologicamente, a ordenação do real, quer como consciência atual, quer como consciência possível. A consciência, a cultura, é — pode-se até dizer, materialmente — o modo pelo qual a sociedade está ordenada, orientada e, simultaneamente, também é o modo como ela se percebe a si própria, e como concebe o universo. Consciência é, consequentemente, pelo menos para nós sociólogos, o modo coletivo de organização dos seres conscientes. É, repita-se, ordenação significativa da realidade, praticada coletivamente.

É inegável, que os recentes movimentos jurídico-políticos pela democratização do país possuam vínculos, ou mesmo, condicionamentos econômicos. E, caso alastremos o significado do termo econômico até abranger toda a realidade material, este relacionamento ficará, ainda, mais evidente. Pois, não há como escapar disto que é uma verdade indiscutível e meridiana: a consciência é, sempre, consciência de alguma coisa. Do ponto de vista epistemológico, portanto, a adequação do pensamento à realidade, como condição do pensamento verdadeiro, é tanto marxista, quanto tomista e aristotélica. O que não cabe é resolver a questão da determinação social do pensamento, de modo mecânico: a base determina a consciência, por exemplo. Tal colocação é, no mínimo, anti-dialética. A consciência — do ângulo sociológico poderíamos chamá-la de cultura — é, antes de tudo, percepção e ordenação da realidade. Ontologicamente, portanto, não é acessório. É uma realidade em si. Deste modo, o movimento jurídico-político, pela democratização brasileira, o que tem de reflexo, das condições materiais, possui, também, de ânsia e de projeto de nova ordem, de nova percepção da totalidade. É, também, um movimento de determinação de uma nova sociedade. E isto, em certo sentido, é o oposto ao caos econômico brasileiro.

A consciência, em nenhuma hipótese, pode ser tida como epifenômeno da matéria, nem esta pode ser, pode ser tida, absolutamente, como equivalente à realidade. O contrário de falsa consciência não é a consciência espelho. A Carta Aos Brasileiros, bem como outras manifestações da chamada sociedade civil, não é, apenas, um reflexo crítico da vida econômica brasileira. Antes de ser uma análise crítica, é uma tomada de consciência de que a vida econômica, bem como toda a vida da sociedade brasileira, necessita de uma nova ordenação, de um novo sentido. E é ela própria, sinteticamente, este novo sentido.

Valença: o grande vazio do carnaval

Em fevereiro de 1973, um grande júri, formado por pessoas das mais diversas profissões e aptidões, tentou escolher aquilo que o seu produtor, Flávio Cavalcanti, intitulou de «a mais bela composição carnavalesca de todos os tempos». Mas para a surpresa de muitos, não foi uma composição tipicamente do carnaval carioca a vencedora: entre mais de duas centenas de votos a marchinha «O Teu Cabelo Não Nega», dos Irmãos Valença e Lamartine Babo, foi a escolhida.

No sítio dos Valença, no bairro recifense da Madalena, João e Raul Valença, sem dar muita importância para a consagração do seu sucesso no Rio de Janeiro, mostrava como compôs a marchinha de princípio com o título de «Mulata» para o carnaval recifense de 1929: a marchinha, cantada inicialmente numa pensão alegre, onde hoje está localizado o edifício Trianon, sob o acompanhamento do pianista Júlio do Carmo, era uma homenagem nossa a uma mulata monumental que lá pontificava».

UM SONHO QUE DUROU TRÊS DIAS

«Não é só em O Teu Cabelo Não Nega que se justifica a fama de João Valença e Raul Valença, ambos recifenses, nascidos respectivamente a 12 de abril de 1890 e 2 de setembro de 1894, que juntos somam quase 167 anos de carnaval brasileiro», explica Leonardo Silva, ao escrever a apresentação de um disco lançado pela Rozemblit em homenagem aos dois compositores no ano passado.

Hoje João Valença recorda o irmão que «na certa repousa na eternidade. era um bom irmão, um bom amigo, um grande parceiro». O Recife perdeu um pouco do seu carnaval, já tão pobre de autênticos compositores de frevo. E quem vai continuar a exaltar os frevos de bloco? A Rozemblit prometeu lançar no próximo carnaval, algumas músicas nossas ainda inéditas», consola-se o compositor que muito contribuiu e ainda tem planos para contribuir para o carnaval de Pernambuco.

PIRINA poderá ser o fim do câncer

O Instituto Nacional de Câncer está interessado em prosseguir as experiências com a Pirina que vinham sendo feitas pelo Instituto de Antibióticos, da Universidade Federal de Pernambuco. No mês de julho, a direção do Centro de Ciências Biológicas, da UFPE, recebeu ofício do diretor do INCA, professor Adair Elras de Araújo, solicitando alguns vidros da droga que, anteriormente, havia sido utilizada pela doutora Susie Nobre, na Seção de Cirurgia Plástica do Instituto de Antibióticos.

Salientando que «este fato vem demonstrar a importância dos trabalhos de pesquisa deste instituto, no campo dos antineoplásticos isolados de plantas de nossa flora», o diretor do IA, providenciou o envio imediato da droga para o INCA, cientificando o reitor Paulo Maciel, da Universidade Federal de Pernambuco, da ocorrência

BAIANAS



O ACARAJÉ PELA HORA DA MORTE

Se noutros Estados, preparar e vender acarajé significa simplesmente um meio de vida, de sobrevivência na cidade grande, na Bahia, não. Embora não se possa excluir esse aspecto, o que seria ingenuidade, muitas baianas, no entanto, oferecem seus acarajés para “cumprir as obrigações contraídas com os seus “santos”. Pelo menos, na opinião de Gilberto Ferreira, funcionário da Prefeitura Municipal de Salvador, nada menos de 80% das vendedoras de acarajé estão imbuídas deste propósito, revelador do tradicional misticismo baiano.

Quando estrangeiros e brasileiros de diversos recantos do país deparam com um cartão-postal da Bahia, decerto que ao perceberem aquelas negras saudáveis e exóticas, com seus tabuleiros de acarajé e vestindo seus trajes típicos, acharão que estas não passam de representantes privilegiadas da raça negra. Sorridentes, aparentemente bem nutridas. A realidade, porém, parece não corresponder a este quadro. O aumento desenfreado do feijão fradinho, azeite de dendê, camarão e outros produtos indispensáveis à feitura e complementação das comidas típicas que vendem (acarajé, abará etc.), está obrigando a muitas “baianas” abandonarem sua profissão, aumentarem o preço dos seus produtos ou adulterarem os mesmos. E mais: a conjugarem lavagem de roupas e outros biscates ao seu real trabalho, provocando uma completa descaracterização de uma das mais ricas e autênticas tradições da Bahia.

A partir das 8 horas, por toda Salvador, elas vão chegando e se instalando nos seus locais de trabalho. Negras — na sua esmagadora maioria — elas irão ficar sentadas num banquinho, servindo uma das comidas mais famosas do Brasil e só voltando para suas casas às 20 horas, quando, tabuleiros na cabeça, terminarão mais um dia de trabalho que não tem descanso nem mesmo nos sábados, domingos e feriados. As vezes, quando é possível, há um sistema de revezamento. Enquanto uma vai fazer um almoço rápido, a irmã, mãe ou parenta, toma conta do “ponto” e serve aos eventuais fregueses.

Quem cozinha melhor?

Apesar de haver uma unidade religiosa entre elas, baseada no sincretismo das religiões africanas e católica, acontece casos como o de Dona Lúcia Pereira de Jesus, velhinha simpática da esquina do Corredor da Vitória que é protestante. Esta senhora, com dezenove anos de experiência como “baiana” é bastante conhecida por sua se-

licitude no atendimento, tendo uma enorme afluência de compradores, na sua maioria estudantes dos colégios próximos. Não existe uma opinião unânime, por parte dos consumidores da cozinha baiana em Salvador, sobre qual o melhor acarajé da Bahia. Pode-se dizer, contudo, que por zona, destaca-se uma ou outra “baiana” no esmero do seu produto principal. Na Piedade, por exemplo, fala-se muito no tabuleiro que fica próximo ao relógio de S. Pedro. Na Praça da Sé, fica com Dona Maria, situada em frente ao Cine Excelsior, o privilégio dos elogios de melhor cozinheira.

O preço dos acarajés e abarás varia de local a local, oscilando entre 4 e 5 cruzeiros. O que tem dado motivos a insistentes reclamações. Com efeito, os compradores alegam que a Sunab (Superintendência Nacional de Abastecimento) não costuma tabelar os preços de tais produtos. Mas, para uma vendedora residente na Boca do Rio, esta não é uma boa idéia. “Se tabelarem o preço do meu acarajé, eles terão que ir comigo à Feira de São Joaquim, para verificarem por quanto eu compo o óleo e o dendê”.

Pregão das dificuldades

Como se vê, a imagem dengosa da “baiana” cantada em prosa e verso pelo país afora, é apenas uma face dos fatos. Apenas um lado ameno da dura realidade que salta aos olhos Dorival Caymmi, apesar de salientar, no todo de sua obra musical popular, mais este aspecto, registrou, entretanto, em sua memória, e posteriormente em canção e livro um pregão de uma “baiana” que ouviu quando criança, que dizia: “Todo mundo gosta de acarajé, mas o trabalho pra fazer é que é”.

Tarde de domingo. No Terreiro de Jesus, indiferentes ao som dos atabaques e evoluções de alguns capoeiristas, quatro mulheres conversam entre si. Três delas são vendedoras de acarajé, mas a quarta vende

milho assado. Esta última leva um garoto de aproximadamente seis anos que, nu da cintura para baixo, nem reclama do vento frio que assalta a praça e incomoda as pessoas. O menino se mexe o tempo todo, provocando, não raro, inúmeras reclamações por parte da mãe. E Dona Maria dos Santos, a que vende milho, começa a falar de sua vida. A história é mais ou menos parecida com milhões de outras histórias. Ela diz que, abandonada pelo marido, ficou sozinha com o filho, já que a filha o marido levou consigo. Em seguida, muda de assunto e fala sobre sua profissão. Diz, por exemplo, que vendeu acarajé durante 25 anos. “Era naquele tempo em que se podia comprar um por duzentos réis”. Hoje vende milho porque a lata de azeite de dendê subiu exageradamente (custa atualmente 200 cruzeiros) e o quilo de feijão fradinho também. Enquanto Dona Maria vai falando, o menino peralta mexe nos milhos.

As outras mulheres ao redor, de vez em quando, numa passagem mais insólita, voltam suas atenções para a conversa da vendedora de milho. E balançam a cabeça, afirmativamente, concordando com algumas passagens e identificando-se com aquela que, tempos atrás, passara pelos mesmos problemas que elas agora atravessam.

Tabuleiros de luxo

Enquanto revolve e assa as espigas na brasa, ela se refere ao tempo em que o acarajé era vendido em gamelas de pau, um tempo em que não era necessário cartão de inscrição para ser “baiana” autêntica, nem tinha essa carestia toda dos dias de hoje. “Agora, meu filho, nós não temos nada. Como é que vai viver uma pobre de uma vendedora que só vende 300, no máximo 400 cruzeiros por dia e ainda tem de pagar transporte, material, luz, água, aluguel, além de ser obrigada a comprar caixa de vidro elegante ao invés de tabuleiro comum?”.

Obrigações com os “santos”

Com raríssimas exceções, quase todas as “baianas” são registradas no Departamento de Folclore, Festas Populares, Certames e Esportes da Prefeitura Municipal do Salvador. Fundada em 1973, esta entidade conseguiu cerca de 500 inscrições, exigindo apenas, no trabalho, que a cadastrada se vista de acordo com a tradição e mantenha rigoroso asseio pessoal, assim como aos seus objetos de trabalho. Nenhuma taxa é cobrada. São cinco centenas de mulheres espalhadas pela cidade, neste caso, divididas por zonas, onde se situam os lugares por elas escolhidos para venderem seus produtos. Mas existem muitas que, ao inaugurarem um “ponto” percebem que o mesmo não está correspondendo financeiramente. Neste caso, ela torna ao Departamento de Folclore e comunica o seu desejo de mudança para outro local, no que é atendida.

Quando acontece alguma coisa que fere o regulamento oficial (bebedeiras, falta de asseio nos tabuleiros, “baianas” não inscritas, etc.) são convocados os agentes da Polícia Administrativa para averiguar os fatos e tomar as medidas, geralmente de pura advertência. Tais fatos, porém, ocorrem muito raramente.

Para Gilberto Ferreira, funcionário da Prefeitura Municipal, 80% das vendedoras de acarajés, abarás, etc., só exercem tal profissão por causa das obrigações contraídas com os seus “santos”; 20% apenas, é que o fazem para sua sobrevivência pessoal e comércio. Mas Valdicéia Oliveira, filha-de-santo com tabuleiro na Praça da Sé, discordou desse parecer. Para ela, é verdade que as vendedoras têm obrigações desse tipo, mas a maior parte vende mesmo é para poder sobreviver. “É apertando aqui, apertando ali, que a gente vai dando um jeito”, concluiu Valdicéia Oliveira.

TESES COMPROVAM NÍVEL DA PESQUISA EM CENTRO

Banca dá nota máxima à Tese de Rilson Rodrigues

O primeiro trabalho, realizado no Brasil, utilizando técnicas de microscopia em contraste de fase e microscopia interferencial para estudo de superfícies (com o título: A Microtopografia de Faces Cristalinas e a Teoria de Frank; estudo microscópico e interferométrico de cristais de quartzo) acaba de ser apresentado pelo Professor Rilson Rodrigues da Silva, com o qual obteve a nota máxima de todos os examinadores do concurso público de título e provas, à Livre Docência em Mineralogia, na Universidade Federal de Pernambuco.

A técnica empregada pelo Prof. Rilson permite resolução vertical superior à da microscopia eletrônica e é de difícil realização e interpretação dos resultados e, ainda hoje, somente na Universidade Federal de Pernambuco ela vem sendo aplicada, graças a estágio de especialização que o autor fez no Laboratório de Cristalografia da Universidade de Ghent, Bélgica, com dois dos precursores desses estudos: os Professores W. Dekeyser e S. Amelinckx. Parte do equipamento utilizado foi construído nas oficinas gerais da UFPE, sob a supervisão do Engenheiro Carlo Caveglia, segundo desenhos cedidos pelo inventor de um dos métodos, Prof. M. Françon. Atualmente o Setor de Cristalografia do Centro de Tecnologia dispõe de microscópios Leitz para interferência e contraste de fase em luz refletida, dispositivo para contraste em luz polarizada transmitida e equipamento para contraste interferencial.

Das conclusões da Tese merece destaque a que possibilita ao pesquisador, pela simples observação de uma face determinada de qualquer cristal de quartzo, dizer se o mesmo se formou sob condições de alta pressão e temperatura ou se, ao contrário, se formou em condições de baixa temperatura e pressão; é o que em Geologia se chama termômetro geológico, do tempo pretérito.

Outra importante conclusão de interesse científico e econômico é a explicação da presença de inclusões sólidas orientadas em cristais. O autor descreve o mecanismo da gênese desse tipo de inclusões que provocam efeitos belíssimos nas pedras preciosas (rubi e safira astéricas) e semipreciosas (quartzo olho-de-tigre e olho-de-gato, crisoberilo olho-de-gato), aumentando seu valor comercial.

Identificadas novas espécies minerais no RN

A segunda Tese apresentada na área da Mineralogia, pela Professora Carlinda Campelo Farias, intitula-se "Mineralogia do Pegmatito "alto" Boqueirão, Parelhas-Rio Grande do Norte". A Profa. citada estudou todos os minerais encontrados naquela jazida e identificou várias espécies minerais não citadas em estudos anteriores, bem como, determinou o tipo genético e geoquímico do pegmatito, descrevendo mais de duas dezenas de minerais que, em trabalho de outros autores, haviam sido apenas citados. Ela chegou a conclusões de importância científica, mineralógica e econômica.

Só foi possível à pesquisadora Carlinda Campelo Farias desenvolver seu trabalho, a contento, e chegar a essas conclusões, graças ao sofisticado equipamento de que dispõe o Departamento de Cristalografia-Mineralogia da Universidade Federal de Pernambuco, alguns deles, como o aparelho de difração e espectrografia automática de raios X, único conjunto existente em Universidade brasileira, além de outros aparelhos não menos importantes.

Por sua vez, a Professora Albany Henrique Costa Gouveia, ao preparar sua Tese "Mineralogia dos Skarms: Mina Brejuí, Currais Novos —

O Centro de Tecnologia da UFPE realizou, durante o primeiro semestre deste ano, doze concursos para a Livre-Docência, em disciplinas de seus diferentes Departamentos. As Comissões Examinadoras, de cinco membros, cada uma, são escolhidas pelo Conselho Departamental dentre dez nomes indicados pelo Departamento interessado. Todos devem possuir título de Doutor em concurso credenciado ou título equivalente (Professor-titular) ou, ainda, terem seus nomes credenciados pelo Conselho Federal de Educação para lecionar em Curso de Doutorado. Além do mais, todos devem ser especialistas na disciplina em concurso ou matéria afim. As Teses apresentadas comprovam o nível em que vem sendo conduzida a pesquisa naquele Centro.

Rio Grande do Norte", estudou amostras coletadas em diferentes posições geológicas, logrando classificar geneticamente o Skarm (rocha portadora de scheelita, mineral responsável por cerca de 70 por cento da receita orçamentária daquele Estado) daquela Mina.

A autora explica a mineralização da rocha e a presença de minerais de cobre. Descreveu nove minerais desconhecidos pelos autores que estudaram anteriormente a mesma jazida. Conseguiu, ainda, corrigir várias identificações imprecisas.

Saliente-se que as conclusões de caráter genético, a que chegou a autora, poderão, se devidamente aproveitadas pelos mineradores, apresentar grande interesse para a economicidade da exploração das jazidas de scheelita da região do Seridó.

Ostracode: pista à exploração de recursos minerais

A tese de que o Sertão nordestino já foi mar, na era mesossóica, há aproximadamente uns cem milhões de anos, está mais uma vez comprovada com as conclusões a que chegou o Professor Mariano Domingues da Silva, em trabalho desenvolvido na Chapada do Araripe (área que abrange os Estados de Pernambuco, Ceará e Piauí). Entre outros elementos indicadores dessa assertiva, foram encontrados ostracodes (gêneros e espécies) e outros fósseis marinhos e em áreas restritas (Arariplina).

Foi com essa tese — "Ostracodes Não-Marinhas da Formação Santana (Cretáceo Inferior) do Grupo Araripe, Nordeste do Brasil" — que o Professor Mariano Domingues da Silva obteve o título de Livre-Docente em Paleontologia, em concurso recentemente realizado no Departamento de Geologia. Conseguiu descrever quatro gêneros novos e onze novas espécies dos ostracodes, oferecendo significativa contribuição para a exploração de recursos minerais de origem sedimentar, principalmente Gipsita, salgema e petróleo.

VAIVÉM DO MAR

"Provavelmente com a transgressão — explicou —, o mar teria penetrado desde Sergipe até o Maranhão, as condições climáticas teriam se modificado. Isolado nosso continente das influências marinhas, o clima árido instalou-se no Nordeste propiciando as condições necessárias a uma evaporação intensa. A super-saturação dos nossos mares internos, resultante de ventos intensos e clima seco, gerou a precipitação dos evaporitos encontrados em nossas bacias. Dai as jazidas de gipsita de Codó e Araripe e os depósitos salíferos de Sergipe e do Gabão (África), cuja idade é a mesma".

Depois de lembrar que essas associações características de ostracodes permitiram determinar a idade geológica da Formação Santana (camada de rochas), bem como estabelecer correlações com outras bacias brasileiras e africanas como Sergipe, Alagoas, Recôncavo-Tucano-Jatobá, Gabão, Nigéria e Congo, tais fenômenos podem se constituir mais um argumento a favor de Teoria de Wegner sobre a Deriva Continental.

E justificou: "Isso prova a continuidade existente entre a América do Sul e a África, em épocas passadas".

A tese consistiu no levantamento sistemático de uma parte da fauna de ostracodes, de afloramentos e de sondagem, até bem pouco tempo desconhecida, da Formação Santana (Cre-

táceo Inferior do Grupo Araripe) uma das mais importantes sequências estratigráficas do Mesozóico brasileiro.

O que se afigura importante é que ficaram conhecidas algumas das associações características de ostracodes (microcrustáceos) da F. Santana, o que permitiu datá-la e estabelecer correlações com outras bacias brasileiras e africanas como Sergipe-Alagoas, Recôncavo-Tucano-Jatobá, Gabão, Nigéria e Congo, podendo se constituir em mais um argumento a favor da Teoria de Wegner sobre a Deriva Continental, interpretar os diversos estágios de sedimentação, determinar as fácies, estabelecer um paralelismo com o Wealdeniano da África e da Europa e apresentar uma nova proposição para a estratigrafia da Bacia do Araripe.

Foi possível através do estudo dos ostracodes da F. Santana chegar a várias conclusões:

— Estratigráficas —

A litologia da F. Santana, perfeitamente horizontal, denota uma sedimentação sem qualquer agitação em substrato sem ondulações.

— Paleogeográficas —

A Chapada do Araripe seria reliquia de uma bacia muito mais ampla e suas condições paleogeográficas no fim do Jurássico e início do Cretáceo coincidem com o quadro geral do Puberikiano e Wealdeniano da Europa e mais particularmente da África Oriental e Nordeste do Brasil.

— Paleoecológicas —

As associações de ostracodes da F. Santana são tipicamente continentais, representadas por gêneros e espécies de água doce e salobra e ainda por fósseis marinhos em áreas restritas como em Arariplina (ouriços), evidenciando mudanças nos fatores ecológicos, principalmente oscilações na salinidade na bacia refletidas na sua fauna e flora.

Provavelmente o mar teria penetrado por Sergipe, indo até o Maranhão, daí as jazidas de gipsita de Codó e Araripe e os depósitos salíferos de Sergipe.

— Paleontológicas —

Foram descritos quatro gêneros novos e onze novas espécies:

Sidneya cratensis n.g. n.sp.
Mauriciocypris lameirensis n.g. n.sp.
Grekoffella santanensis n.g. n.sp.
Elizabethella cratensis n.g. n.sp.
Bisulcocypris silvai n.g. n.sp.
Bisulcocypris kömmelbeini n.sp.
Bisulcocypris marizae n.sp.
Bisulcocypris munizi n.sp.
Bisulcocypris ninoi n.sp.
Darwinula martinsi n.sp.
Cypridea arariensis n.sp.

Os componentes das bancas que examinaram teses

Os novos livre-docentes do Centro de Tecnologia foram examinados pelos seguintes especialistas:

GEOLOGIA MARINHA E SEDIMENTOLOGIA:

Kenltiro Sugulo (USP), Luis Roberto Silva Martins (UFRGS), Tereza Cardoso da Silva (UFBA), Gilberto Osório de Andrade (UFPE), Arão Horowitz (UFPE).



PALEONTOLOGIA

Josué Camargo Mendes (USP), Setembrino Petri (USP), Rosa de Lima da Silva Melo (UFRPE), Enide Eskinazi Leça (UFPE) e João Rodrigues de Sampaio (UFPE).

ENGENHARIA ELÉTRICA

Amaranto Lopes Pereira (UFRJ), Júlio Alberto de Moraes Coutinho (UFRJ), Ivan Tavares (UFRPE), André de Arruda Falcão Filho (UFPE).

OCEANOGRAFIA QUÍMICA

José Bento Pereira de Barros (UFAL), Herminia de Holanda Lima (UFCE), Sebastião Monte (UFRN), Enide Eskinazi Leça (UFPE), e Rilson Rodrigues da Silva (UFPE).

GEOFÍSICA

Abelci Daniel de Assis (UFPB) Nelson Ellert (USP), André Davino (USP), Jannes Markus Mabesoone (UFPE), e Ivan de Albuquerque Loureiro (UFPE).

MINERALOGIA

Rui Ribeiro Franco (USP), Othon Henry Leonardos (UnB), Zbigniew Baran (UFBA), Ivan de Albuquerque Loureiro (UFPE) e Arão Horowitz (UFPE).

ESTRADAS

José Rolderick da Rocha Leão (UFPB), Hélio Gomes Magalhães (UFPB), Vasco Azevedo Neto (UFPB), Lauro Cavalcanti Figueiredo (UFPE) e Amaro José do Rego Pereira (UFPE).

A relação dos trabalhos que foram julgados

As outras Teses defendidas no âmbito do Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Pernambuco, de acordo com as normas baixadas pelo Conselho Departamental, em obediência a legislação vigente, foram as seguintes:

PALEONTOLOGIA

Geraldo da Costa Barros Muniz: "Macro-fósseis devonianos da formação Inajá no Estado de Pernambuco".

GEOFÍSICA

Helmo M. Rand: "Estudos geofísicos na faixa litorânea ao sul do Recife".

ESTRADAS E TRANSPORTES

Geraldo Duarte de Souza: "A curva de transição natural. Dinâmica e Conforto".

SEDIMENTOLOGIA

Jannes Markus Mabesoone: "Estudo faciológico do devoniano-Carbonífero inferior no Piauí".

ENGENHARIA ELÉTRICA

José Adelino de Medeiros Filho: "Máquinas Síncronas"; Rômulo Maciel: "Cálculo das Intensidades das Correntes nas Malhas, por Aproximações Sucessivas".

GEOLOGIA MARINHA

Paulo da Nóbrega Coutinho: "Geologia Marinha da Plataforma Continental Alagoas-Sergipe".

OCEANOGRAFIA QUÍMICA

Lourinaldo Barreto Cavalcanti: "Caracterização do Canal de Santa Cruz (Pernambuco-Brasil) em função dos parâmetros físico-químicos e pigmentos foto-sintéticos".



Depois de «A Lição», de Eugène Ionesco, os produtores José Mário Austregésilo e Paulo Fernando de Goes montam outro espetáculo pela COMPANHIA PRAXIS DRAMÁTICA, desta feita, sob o signo de «maior produção do teatro pernambucano»: ESTA NOITE SE IMPROVISA, de Luigi Pirandello, com tradução de Nydia Lúcia e direção de Antônio Cadengue. Conscientes de reconhecerem no teatro uma forma de oferecer uma participação significativa ao movimento cultural do lugar, professores e estudantes decidiram enfrentar os obstáculos que se contrapõem aos que ainda tentam expressar «um sentimento do mundo», através das artes cênicas.

Para tão audaciosa produção foi mobilizada uma equipe experiente de outras jornadas, desafiando a criatividade daqueles que acompanham o teatro em Pernambuco, ao apresentar um espírito de organização digno de ser observado como de há muito não se tem visto em grupos que encham nossos palcos. Desde o programa visual de apresentação da peça, elaborado pelo cenógrafo Beto Diniz à montagem cênica do espetáculo, a certeza da seriedade do trabalho da mais recente companhia de teatro do Recife.

VOZ—CORPO—CENÁRIO: A PEÇA

Luigi Pirandello — Dramaturgo italiano, contemplado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1934, nasceu a 23 de junho de 1867, na Sicília. Faleceu a 10 de dezembro de 1936. Aos 19 anos foi a Roma onde permaneceu até 1931, ano em que viajou a Alemanha e se graduou em Filosofia na Universidade de Bonn. Em 1901 publicou sua primeira novela: «L'Esclusa». A partir das novelas começou a escrever pequenos contos: «Amor Sem Amore» (1904); «Quando Ero Matto» (1903); «Befé Della Morte e Della Vita» (1902, 1903); «Bianche e Nere» (1904).

Em 1905 apareceu sua novela mais celebrizada: «Il Fu Mattia Pascal». Em 1912 foi tentado por um escritor de teatro siciliano, Nino Martoglio, para dramatizar em um ato, um de seus contos, «la morsa». Sua primeira comédia em três atos, «Se non Così», foi encenada por Marco Parga, em Milão em 1913 e depois muitas obras, entre elas: «Seis Personagens à Procura de um Autor», «Cada um à sua Maneira» e «Esta Noite se Improvisa».

Na visão dos produtores do espetáculo, assim se apresenta o trabalho: «um sentimento do mundo na praxis com uma visão global e multilateral da realidade com os olhos arregalados aos problemas e dores cruciais de nossa época, a Companhia Praxis Dramática, desligada de verdades fixas e refletindo a capacidade dialética de ver as coisas por dentro, escolheu Pirandello para sua estreia pela lucidez com que ele denuncia a mutilação do indivíduo e a fragmentação da comunidade humana através de «Esta Noite se Improvisa», que além de re-pensar o fenômeno teatral (nossa esfera de trabalho) descobre abismos, na personalidade humana, mostra seu mistério, suscita a inquietude e faz o público questionar muito além da representação nesses tempos sombrios e sombrios e sombrios o-estar-juntos-fazendo-alguma-coisa e o estar-vivo-com-os-outros só reforçou nossa marcha e nosso tema (no nosso tempo): UM SENTIMENTO DO MUNDO, como diz Drumond (urge que agarremo-nos a ele...).

CENÁRIO

Responsável pelos cenários da peça, Beto Diniz é definido pelo diretor Antônio Cadengue, «como um personagem que encontrou sua peça: o cenário». Ele nasceu no Rio de Janeiro em 1953, ex-aluno de Arquitetura, cursa Cenografia na FEFIERJ, e, em um ano de Recife, fez cenografia e figurinos para: «A Lição», de Ionesco (1975), «Pedreira das Almas», de Jorge Andrade (1976), «O Pirata Tubarão», de Rubem Rocha Filho (1976), «Sobrados e Mocambos», de Hermilo Borba Filho (1977), «Viúva Porém Honesta», de Nelson Rodrigues (1977). No Rio, dirigiu e fez cenários para «O Jubileu», de Tchekhov e para «E a Liberdade, Esta lá Fora?», de Flávio Peixoto no teatro Duse (1975). Fez sonoplastia, iluminação e cartazes para a maioria delas. Em 1975, recebeu Menção Honrosa em gravura no I Salão Nacional Cenicista de Artes Plásticas.

Sobre o trabalho do cenógrafo, acrescenta Antônio Cadengue: «vindo do Rio, aportou em Recife em janeiro de setenta e seis, de férias. As águas de março chegaram e se foram e Beto ficou. eu preciso estar aqui. Não tem explicação». São poucas as suas palavras: Sim e Não lhe bastam, mas se abre o verbo gaguejem e se segurem, porque «a chama ele a tem na boca». «Nesta Noite se Improvisa», utiliza formas múltiplas (como ele) ou mutáveis, dentro de uma estrutura única. Constelacionalmente. Criou áreas de representação ligadas entre si onde os elementos se encarregam de identificar as cenas e os seus tons específicos. Seus cenários possibilitam uma visão prospectiva da realidade. Eles narram e indagam sobre a realidade em torno. Eles falam!

«Seus figurinos inscrevem-se no corpo, contam histórias próprias. Os personagens não usam a roupa, a roupa é que «usa» os personagens. São «máscaras» que situam os personagens, socialmente, não são realistas, como parecem. Fantasias e Uniformes ao mesmo tempo. A iluminação, como a sonoplastia que Beto assina, não são «fundo» no.

TEATRO

Estudante “doa sangue” para a renovação do nosso teatro

«Quando um homem vive, vive e não vê a si próprio, coloquem um espelho diante dele e façam com que ele se veja no ato de viver. Ou ficará atônito com sua própria aparência ou desviará os olhos para não ver a si próprio, ou então, com nojo, cuspirá em sua própria imagem, ou ainda, cerrará os punhos para quebrá-lo. Numa palavra, ocorre uma crise; e é justamente dessa crise de que fala meu teatro».

(PIRANDELLO)

espetáculo, são signos constitutivos das cenas, informação (e quem sabe, também prosódia). E o cartaz? Ainda no cartaz sua preocupação (quase pirandelliana) com a multiplicidade do Ser. Múltiplos e Bal Masqué a sua tônica! Sua preocupação básica é a síntese de que o universo de uma obra se imponha em uma ou duas horas no palco, impondo-nos a sua realidade, enquanto objetiva (cenários, figurinos, adereços) CUBO e, enquanto subjetiva (o universo da obra em toda sua dimensão. O além do mundo tout court do cenário) — ESFERA. Desce o pano. Os atores são aplaudidos. E Beto? (na última fila aplaude sozinho o personagem que ninguém viu. Somente eu)», conclui o diretor.

VOZ

A preparação das vozes do espetáculo ficou a cargo de José Mário Austregésilo — economista, professor da UNICAP e ESURP, coordenador de Recursos Humanos da TV - U. Ator, diretor e produtor de teatro. Como ator participou, entre outras, de: «As Festeiras de Salém», de A. Miller (1966), «Eles Não Usam Black-Tie», de Gialfrancesco Guarnieri (1967), «A Derradeira Ceia» de Luiz Marinho (1968), «A Lição», de Eugène Ionesco (1976). Dirigiu para TV «Lisbela e o Prisioneiro», de Osman Lins (1972). Atualmente participa da «Paixão de Cristo» em Nova Jerusalém.

Seu depoimento: «a voz — um trabalho da alma. Os gritos chegaram primeiro. A preparação da voz do pessoal de «Esta Noite se Improvisa» foi uma preparação do corpo e da alma — é aí onde a voz acontece. Relaxar, sonorizar é exercitar a respiração, aquecer e colocar a voz. Articular e localizar nos músculos do corpo inteiro a voz das pessoas que chegaram para formar o elenco. Estes foram os tópicos seguidos na programação de dicção. Todas as noites as vozes-gritos do dia a dia receberam o carinho deste grupo-elenco que fala manso e explodiu em afeto: A voz então se fez alma e o corpo das pessoas tocou o impossível chão».

Fábio Coelho explica o que conseguiu retirar de sua experiência como preparador da expressão corporal do espetáculo: «sempre nós, nunca eu. Entregando os corpos ao mascaramento desmascarado. Para ir além da cadência diária, formando os mais expressivos que o VIVIDO corporal cotidiano e como na voz sonorizamos para depois modular e com as imagens dos corpos mostrar as do mundo. Decodificamos para desvendar os símbolos no espaço, os movimentos assumindo ritmo e forma, onde o distanciamento é condição para proximidade, confundimos para explicar. Quanto à Commedia: que tragédia é essa? navegamos para o mascarar parar. Mascaramos todos os bailes para a esfinge mostrar. Quem representa o representar, nós ou eles? Vocês? O mundo é um teatro só!»

Licenciado em Filosofia Fábio Coelho é estudante de Sociologia da UNICAP. Além de ser professor-assistente de Comunicação na ESURP. Professor de Francês, Dança Clássica, Moderna e Jazz. Ator coreógrafo, bailarino. Participa do Grupo de Dança de Mônica Japiassu. Dançou no Balé Armorial. Como ator participou, entre outras, em: «Nos Abismos da Pernambucália» de Jomard Muniz de Brito (1975), «Sobrados e Mocambos», de Hermilo Borba Filho (1977). Coreografou e atuou em «Viúva Porém Honesta» de Nelson Rodrigues (1977).



ESTUDANTES E PROFESSORES NO PALCO

Antônio Cadengue, ator, poeta, diretor, aluno de Psicologia e de Comunicação Social, tem vinte e três anos de vida e, entre os quais, três de palco com refletores artificiais. Tem a experiência dos bancos da Universidade, tanto como aluno quanto como professor-assistente da cadeira de Teatro da UNICAP. Dirigiu para teatro: «O Romanceiro da Inconfidência», de Cecília Meireles (1975); «Natal no Perímetro Urbano» — diversos autores (1975); «A Lição», de Ionesco (1976); «Pedreira das Almas», de Jorge Andrade (1976); «Viúva Porém Honesta», de Nelson Rodrigues (1977).

Como se de um labirinto pudesse se desvencilhar quem de teatro de tanto se envolver já não mais se envolve, e só desenvolve, o diretor de «Esta Noite se Improvisa» escreve sobre seu mais recente desafio: «Labirinto I — e se nos chegarmos PERSONAGENS E ATORES. Ao mesmo tempo que queriam se EXPOR, doia-lhes muito quando a luz de um refletor incidia sobre sua MÁSCARA. Suas VOZES berraram e seus CORPOS estrebucharam à face amolada. QUIXOTES na (da) cheia em busca de DULCINEIAS enlameadas. COLONIALISMO que não se DISFARÇA em populismos-érrimos-ais.

Labirinto II — Improvisamos de uma forma burlesca (quem sabe, obsCENA), GROTESCA, esses CONFLITOS humanos, que alteram-se em REALIDADES distintas (simultâneas, por vezes; INDIFERENÇÁVEIS, por outras) e, sendo inesgotáveis, engalfinham-se AD INFINITUM, no BAL MASQUÊ hamletiano da vida, gerando «dissídios VERBAIS» vinculados aos «dissídios da personalidade» — a LINGUAGEM em crise — CRÍSE que aliena o SER.

Labirinto III — o tom geral que demos ao ESPETÁCULO apresenta-se poético — GESTÁLTICO, poético — MUSICAL («Ah! o nosso velho meloDRAMA... até a mim me agrada tanto...»), POÉTICO-BURLESCO—COMPOSIÇÃO-ESTRUTURA-CONTEÚDO-CONSTRUÇÃO que num DESMASCARAR a VIDA que se preserva pelo disfarce. Recado da direção I: nunca esqueçam que os personagens de Pirandello são «bonecos de letras» que imitam viver — embora humaníssimos. Recado da direção II: jamais deixem de ler a peça aos pedacos, como num jornal. Recado da direção III: «et comme un dieu je vais nu».

No elenco encontramos ainda outros estudantes: Cleide Melia (Direito) Harry Lins (Engenharia), Maria dos Prazeres (Letras), Auriceia Fraga (Secretariado) Fábio Coelho (Sociologia) Epaminondas Mendonça (Medicina) Gilberto Brito (Medicina), Ladislau Chagas (Engenharia) e, alguns professores, tanto da UFPE como de outras Universidades: José Mário Austregésilo (TV-U), Lidia Goldfarb (UNICAP), Antônio Guincho (FAFIRE), Dayse Queiroz (FACHO) e Maria do Rosario Austregésilo (UFPE).

DIFICULDADES

«Esta peça atingiu custos altíssimos na sua montagem. O retorno da verba empregada, somente pode acontecer com o comparecimento do público à bilheteria: não há ajuda substancial para uma montagem deste porte, com 40 atores interpretando 60 personagens. Despesas com teatro, Direitos Autorais, figurinos, cenários, iluminação somam em média, por noite, Cr\$5.000,00», adianta um dos produtores da peça José Mário Austregésilo.

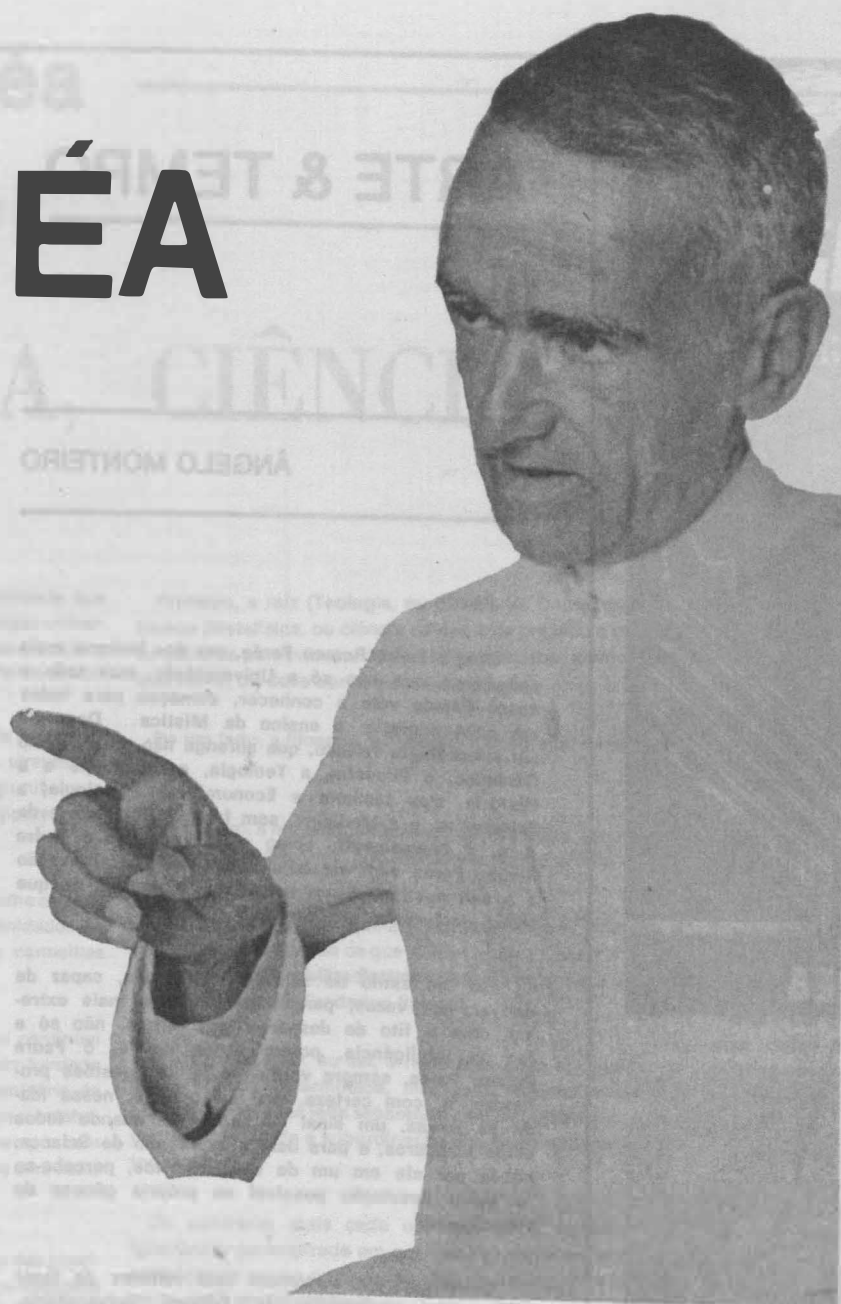
E continua: «o teatro amador para sobreviver tem de ensaiar à noite, a partir das 22h, utilizando todos os dias da semana, inclusive os sábados e domingos, onde o grupo abdica do seu lazer para fazer exercícios de expressão corporal e vocal. Neste ponto, só muito amor ao teatro é que pode superar as dificuldades que urgem a partir daí».

Embora dificilmente, as empresas colaborem com tais iniciativas, a Companhia foi encontrar apoio em ELE & ELA modas (que vestiu o diretor), móveis Demestre (que patrocinou as faixas) e o Banorte (que patrocinou cartazes, panfletos e programas do espetáculo), permitindo assim, a realização de tão significativa amostra do que se pode exigir em termos de divulgação do teatro por um grupo pernambucano, se houver ajuda por parte dos empresários. Eles ainda não despertaram para a ideia de como surtiria efeito o patrocínio de espetáculos conscientizados como este, pois, segundo os produtores, «na maioria das vezes as portas nos foram fechadas. Mas queremos agradecer também a Fundação Guararapes (que adquiriu uma casa) e ao Mobral-Recife (que adquiriu outra casa).

Mas os órgãos educativos destinados à preservação da cultura, incentivaram os idealizadores da peça: «a contribuição da UFPE foi muito grande para que a PRAXIS pudesse montar o seu primeiro espetáculo. A Televisão Universitária, através do seu diretor Prof. Sadoc do Souto Maior que cedeu o Estúdio B para que fossem realizados os ensaios. E tanto a rádio como a própria TV Universitária divulgaram o nosso trabalho.

ROMEUPERÉA

40 ANOS DE SERVIÇO AO NORDESTE



CADERNO
LITERÁRIO

JORNAL UNIVERSITÁRIO

RECIFE — SETEMBRO 1977

Ao ensejo dos seus 40 anos de sacerdócio, Frei Romeu Peréa, que dedicou todo o seu talento e trabalho, no campo da cultura e da educação, ao Brasil, particularmente a Pernambuco, durante todos esses anos, foi alvo de uma série de homenagens, na própria Universidade Federal de Pernambuco, onde é Professor titular, e noutros centros culturais, entidades civis e religiosas, inclusive o Governo estadual.

No âmbito da Universidade Federal de Pernambuco, coube ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas oferecer significativa homenagem a Frei Peréa, oportunidade em que a Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda interpretou o consenso de todo o corpo docente com relação ao homenageado, enaltecendo a grandiosidade do sacerdote, do escritor, do conselheiro e do educador, principalmente a grande obra que ele tem dedicado a Pernambuco, através do seu dia-a-dia.

Como uma parte dessas homenagens, houve por bem a CEP editar o livro 40 Anos a Serviço da Igreja em Pernambuco, obra preparada pelos seus amigos, na qual expõe toda a sua trajetória, em todos os setores de atividade, fazendo importantes revelações.

Aspecto ético da cultura, núcleo de todo trabalho

Um dos temas que mais caracterizam a atividade intelectual de Frei Romeu Peréa — a par de abundante produção, escrevendo livros, promovendo e coordenando seminários, colaborando permanentemente nos principais órgãos de Imprensa do Estado —, e o aspecto ético da cultura, pelo qual tem feito veementes apelos nos seus trabalhos e pronunciamentos.

Esse clamor de Frei Peréa pelo sentido ético da cultura é, no entender da Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda, de base metafísica, «porque exige uma dupla unificação: a negatividade absoluta que é tão só condição da positividade absoluta, e a ritmia binária que se encerra em todo despojamento: o de privar-se para possuir».

ATIVIDADES

Coube à Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda relacionar a extensa atividade intelectual desse sacerdote, durante a cerimônia que lhe foi oferecida pelo Centro de Artes e Comunicação (Departamento de Letras) da UFPE.

Foi o criador e coordenador da Semana de Santa Tereza, estudos dos quais resultaram cinco volumes, publicados pela Editora Univer-

sitaria: Tereza d'Ávila, João da Cruz, Luiz de Leão, Miguel de la Fuente e Tito Brandama, Reitor da Universidade e Restaurador da Mística em Pleno Século XX. E de autoria de Frei Peréa, também, o livro *Diálogos com Agamenon Magalhães*, recentemente lançado pela Companhia Editora de Pernambuco, obra na qual revela com fidelidade sacerdotal, na condição de confessor e conselheiro do grande estadista pernambucano, as faces do homem, do político e do estadista. Será publicado, ainda este ano, também de sua autoria, o livro *Memórias de um Capelão de Presídio*, no qual relata os principais dramas e toda a ambiência da ex-Casa de Detenção do Recife, onde foi capelão durante vários anos. Como colaborador dos principais jornais do Recife, Frei Peréa revela-se como homem dotado de ampla sensibilidade e vasto conhecimento nos diversos campos de conhecimento humano, mas conferindo a todos os seus artigos um permanente alerta contra as diversas formas de tiranias, políticas e econômicas, que procuram tornar o homem escravo do próprio homem.

E, ainda, de sua autoria, *Seriedade Política em Frei Caneca*, trabalho no qual dissecou a personalidade desse mártir pernambucano, e *Marinha — Ética e Disciplina*, coletânea de artigos que publicou enfatizando o notável trabalho e desempenho dessa Força no desenvolvimento do Brasil.

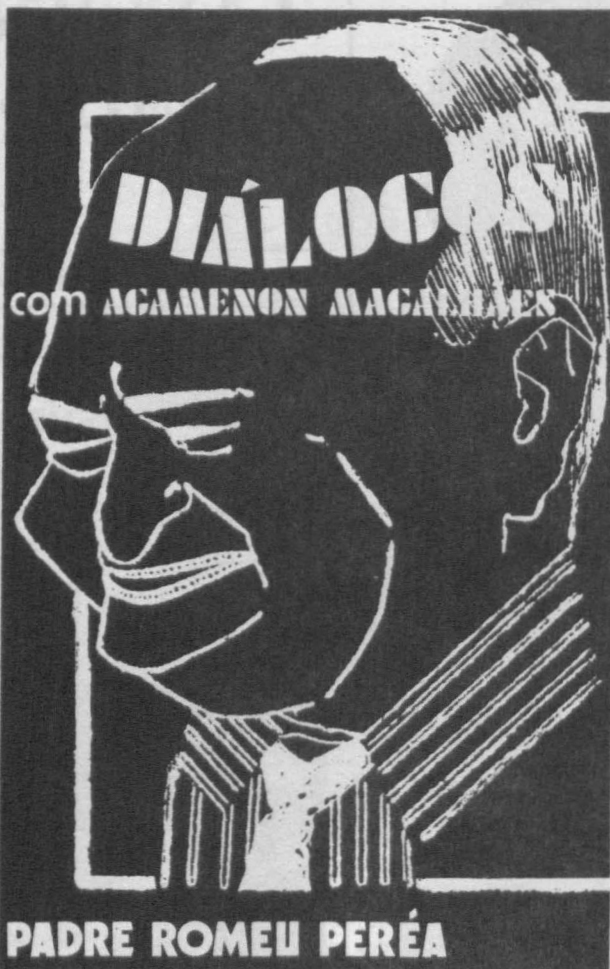
No campo da educação, um baluarte

Homem de múltiplas atividades, que não apenas o sacerdócio, Frei Peréa é responsável pela formação de várias gerações de estudantes, na condição de Professor-titular da Universidade Federal de Pernambuco e do Colégio Estadual de Pernambuco, ao longo das últimas quatro décadas.

É Professor-fundador da antiga Faculdade de Filosofia de Pernambuco, tendo instalado nela a Cátedra de Língua e Literatura Espanhola, atualmente lotado no Departamento de Letras do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. No Colégio Estadual de Pernambuco, antigo Ginásio Pernambucano, tem-se dedicado principalmente ao ensino da Religião, com notável contribuição à formação de gerações e mais gerações de jovens estudantes.

Foi graças ao seu trabalho que o Governo de Pernambuco incluiu a disciplina Religião no currículo do ensino oficial no Estado, restaurando assim o ensino de uma matéria outrora amplamente difundida.





40 ANOS A SERVIÇO DA IGREJA EM PERNAMBUCO

PADRE ROMEU PERÉA



ARTE & TEMPO

ÂNGELO MONTEIRO

Com o Padre Romeu Peréa, um dos homens mais definitivos, que não só a Universidade, mas todo o nosso Estado veio a conhecer, começou para todos um novo capítulo: o ensino da Mistica. Dono de um saber muito variado, que abrange não só o Direito Canônico, a Filosofia, a Teologia, a Sociologia e a História, mas também a Economia, a Psicologia, a Psicanálise, e a Medicina, sem falar de Filologia e de Arte, é basicamente como sacerdote que o Padre Romeu Peréa vem até hoje centrando a sua vocação e o seu destino. E, no sacerdote, o místico de que todos estávamos em carência.

Em um estilo de sobriedade clássica, capaz de derivar, por vezes, para a simplicidade mais extrema, com o fito de despertar nos outros, não só a luz da inteligência, porém a luz da fé, o Padre Romeu Peréa, sempre voltado para as questões profundas, é, com certeza, em nosso meio, nessa idade de trevas, um sinal de segurança quando todos estão inseguros, e para usar a expressão de Sciacca, citada por ele em um de seus escritos, percebe-se "a maior desviação possível na própria gênese do pensamento".

Conseguiu ele convencer dois reitores de fazer publicar, por intermédio da Editora Universitária, um verdadeiro curso Superior de Teologia Mística em cinco volumes: Tereza de Jesus, João da Cruz, Luis de Leão, Miguel de la Fuente e Tito Brandsma. Numa sociedade vulnerável a todas as ideologias — já que não possui nenhuma — a importância dessa coleção, oportuníssima, ainda vai mostrar toda a sua eficácia.

Contra as misticas nazista, fascista e comunista, em que os seguidores, segundo ele, "Vivem, pensam e morrem por um mito, o da raça, o do sangue, o da classe, ou grupo político", os quais possuem por meios "a manha, a força, a violência", ele opõe a Mistica Cristã, a qual tem por meios a "contemplação, a oração a penitência".

Apesar de à Mistica pertencerem "as realidades não percebidas pelo discurso, e sim sentidas pela consciência", o Padre Romeu Peréa, através do magistério dos seus livros, das suas aulas e das suas conferências — da persuasão e da força da Palavra — tornou possível, a todos nós, leigos nas ciências sagradas, o primeiro grande contato, embora simples, com os seus divinos mistérios.

Acerca do estranho paradoxo, que é a nossa própria vida, não poderíamos ter recebido, nos últimos tempos, lição mais consoladora e poderosa do que aquela que extraímos do seu último livro sobre os místicos: "Unindo o espírito à carne, e a carne ao espírito, numa união substancial que constitui toda sua beleza, o homem se encontra, praticamente, como quem vive numa fronteira e, apesar disso, pertence a um só país. Neste país está seu lar. O outro, para ele, é um país estrangeiro. Não pode viver sobre a fronteira de maneira que pertença a ela, pura e simplesmente, sendo estrangeiro e não estrangeiro, ao mesmo tempo (...)"

Deriva talvez da visão Mística do Padre Romeu Peréa a capacidade de, numa primeira e rápida sondagem, perceber a marca própria de cada homem; auscultar-lhe o destino; descer-lhe às profundidades; abrir-se em suma, para captar o muitas vezes inexpresso, porém visível à sua perquirição. De igual modo, a curiosidade desse Padre pelos mais diversos saberes e, ao mesmo tempo, pela consciência do vínculo que os une. Tal consciência lhe permite a compreensão necessária para descobrir, sob os diversos caminhos, a direção que leva ao real fim tanto do homem como de sua obra ou de seu agir.

Dessa forma, todos nós em Pernambuco, e especialmente na Universidade, temos muito a dever ao Padre Romeu Peréa; que com sua visão tão espanhola e, ao mesmo tempo tão pessoal, do Homem e da História, nos convoca, com a sua impaciência aliada de segacidade, para "o centro das almas", ou para a unidade que todos perdemos, e que só pode se achar no tabernáculo de Deus. E o Padre Romeu Peréa, ligeiro no passo, terminante no gesto, eficiente na palavra, oferece um verdadeiro perigo — perigo por sinal abençoado — a todas as panacéias ideológicas que se sustentam graças apenas à traição da Verdade.

PADRE ROMEU PERÉA

ARILANDO PARAHYM

A simpleza das atitudes e do seu modo de ser pessoal, a espontaneidade no dizer sempre a verdade lúcida, a sinceridade forte, justa e oportuna encobrem a uma análise superficial do caráter do Padre Romeu Peréa as chamadas VIRTUDES EXTERNAS. Virtudes exteriores ou de efeito social, que tantas vezes enganam, pois a força viva da verdade do sacerdote se renova e palpita no aprimoramento silencioso da sua vida interior, sacrário de virtudes recônditas. Vida da alma de onde emanam as energias da própria vida religiosa.

Conheço de perto o Padre Romeu, e não é de ontem. E, sem que o haja expressamente nomeado como tal, o tenho por meu diretor espiritual, substituindo aquela alma pura e santa que foi o Padre Cabral, com quem privei perto de quarenta anos. O Padre Cabral, do Bom Pastor; isso diz tudo.

Fácil descobrir no padre espanhol-brasileiro, que tanto se orgulha de ser chamado Padre, o que reflete a energia coerente das suas virtudes cristãs, a robustez de uma Fé que jamais claudicou, a sabedoria e a bondade que espelham a lição viva do Evangelho.

Costuma frequentar o Padre Romeu o lar humilde onde habito. Chega o Padre; suspendo

o trabalho; tomo o cafezinho franciscano, e a palavra do diretor espiritual, o homem de segurança e experiente. E quantas vezes a luz divina clarear as veredas obscuras; quantas vezes a alma combalida se reanima alegre na plenitude da Fé que me dá a minha primeira comunhão; quantas vezes a alma se renova mais do que eu simplesmente externas, e é comunicativa da minha.

Salvo a direção da reta direção espiritual, as virtudes externas que tanto iludem, o padre radioso que se renova quando reencontra o caminho do Bom Pastor.

As vezes um conceito, bastam para esclarecer, até então, eu não conseguia ver as incertezas duma alma frágil como a minha.

Quarenta anos de sacerdócio faz hoje o Padre Romeu. Quarenta anos de vida interior e de virtudes externas e íntimas. De aprimoramento espiritual, que lhe permitem conduzir a oração confiante, ao reencontro do CRUCIFICADO.

Homem de oração e de contemplação

Não é mera coincidência apenas, mas uma demonstração da singular vocação deste Padre Romeu Peréa, a de ter sido convocado, por sua ordenação a 11 de julho de 1937, no Colégio Internacional de Santo Alberto, da Ordem Carmelitana, em Roma, e sua chegada ao Recife, em 26 desse mesmo mês e ano, justamente quando a Igreja e tão particularmente esta cidade se preparavam (como hoje estão se preparando), para as festas da Senhora do Carmo e de sua mãe, Ana. E assim no ciclo litúrgico, no qual o próprio tempo é sacramento, — mistério —, de um outro tempo, é símbolo de acontecimentos históricos que explicitam a soberania de Deus, tanto ontem, quanto hoje e amanhã, e para todo o sempre, em meio ao novenário da Virgem Padroeira desta cidade concelebram-se 40 anos de sacerdócio, — missão de testemunha do Sagrado —, como também 40 anos de apostolado. — uma experiência de vida centrada não só em Deus, mas que se eleva contínua e arduamente pela mediação da Virgem, com Cristo, no Cristo e pelo Cristo até um "sentir a divina Essência", e com isto se faz pronunciador da palavra que salva e se faz ser de serviço, posto em obediência a Deus para a realização de seu plano —, não só nesta cidade, mas em nosso Estado, e no Brasil.

Como Sacerdote, — Apóstolo e Mestre —, refaz em sua própria vida, e com isto pode-se ver, neste mês de tantas datas, aquele esforço de integração ontológica-bíblica de seu ser de homem, cuja natureza apesar de enfraquecida pelo pecado de origem, não é corrompida, mas aberta à ação de Deus que o interpela. Por isso é o homem eleito da cidade de Deus, um nômade também, (não só de Córdova a Roma, e ao Recife, mas o que atravessa as cidades dos homens para a cidade de Deus), — visão bíblico-teológico-ontológica, como também sociológica —, é um ser de trabalho, de sacrifício que oferece e sacrifica ele mesmo, é um ser de comunhão e de adoração.

Mais uma vez a singularidade desta vocação, o ter sido chamado para o Recife, realça-se quando, também, na liturgia romana, 30 de julho, é o dia dedicado a Abel, aquele que foi justo porque foi eleito por Deus, amado por Deus e sobretudo amado de Deus, e aquele que nos faz despontar por primeiro na história da humanidade o tremendo mistério da Justiça e da Eleição gratuitas, meros dons de Deus, contra o espírito de propriedade e de justiça meramente igualitária. Por isso sua linhagem, a de Abel, não se fez

pela sua leve posteridade na pobreza-riqueza da vida sobrenatural.

O homem, e porque não, também, como é tão comum unir-se, pois e se nos manifestam na vida de Romeu Peréa. E eles próprios, a manifestação de sua realidade existencial. Pelo símbolo de Deus, algo em si mesmo inacessível, pois como signo de Deus, o movimento dá a idéia motora de encontro e faz significar as operações físicas ou mesmo materiais, uma manifestação pessoal em sua intimidade e seu centro de convergência, não se deixa filtrar, mas tão só pode ser revelado, como intuição que, apesar de rápida e fugitiva, traz uma verdade que se revela sempre mais. Neste reconhecimento simbólico, os homens são-nos apresentados e vividas simpaticamente, e este reconhecimento compreende-as dramaticamente, e capta-as como realidade e revivendo-as com sua plenitude de implicações e complementariedades, de relações, de unidade dinâmica, de comunhão.

Para chegar para uma existência, e no caso a do nosso homônimo, Romeu Peréa, é reconhecer que o que ele é, o é porque ele se suble, enquanto é esta graça do seu próprio existir, ser um homem, ser uma Ação de Graças, uma mediação, (Sacerdote e Apóstolo) e dialógica entre Deus e os homens, entre nós e Deus. Mestre e Apóstolo, ele afirma com sua vida o mistério da existência, não é isolamento, mas é amor experimentado, padecido, e é a epifania de Deus que é Amor, e por causa deste Amor é obediência ao Verbo Criador, Redentor e Santificador.

Os homens deixam transparecer por indicações, — e basta a observação do mês de julho —, o sentido de uma vida, e Deus tem o direito de julgar senão aquilo que se ama, e no entanto Deus pode ser Julgador. E porque sabemos que do conhecimento de uma existência, não serão os conhecimentos-científicos, o conhecimento-sabedoria que não nos fará sucumbir, —

Romeu

FILO

É com profunda emoção que recebo esta manifestação de sentimentos pelo quadrágésimo aniversário da fundação da Universidade Federal de Pernambuco, por feliz coincidência.

E aumenta essa emoção a lembrança de ser-me transferido para o Departamento de Filosofia e Letras, disciplinas que eu já havia cursado em outra universidade, a Universidade de São Paulo, onde eu já havia cursado a graduação em Filosofia e Letras, e a experiência de ser-me transferido para o Departamento de Filosofia e Letras, disciplinas que eu já havia cursado em outra universidade, a Universidade de São Paulo, onde eu já havia cursado a graduação em Filosofia e Letras.

De fato, cheguei ao Recife há dez dias depois de ter terminado o curso médio e filosófico, e possuíam, naquela época, a mesma idade.

Transferido, posteriormente, para o Colégio Estadual de Filosofia e Letras, onde eu já havia cursado a graduação em Filosofia e Letras, e a experiência de ser-me transferido para o Departamento de Filosofia e Letras, disciplinas que eu já havia cursado em outra universidade, a Universidade de São Paulo, onde eu já havia cursado a graduação em Filosofia e Letras.

Sou dos que crêem na importância de um homem que pareça, ou, na realidade, seja, um homem.

Dai o ecleticismo que eu tenho, a sadio e robusta manifestação de uma verdade procedente da vida, a frase de S. Clemente de Alexandria, por ser a única luz que ilumina o mundo.

Esteve acertado Raimundo de Oliveira, a das grandes mentes — a das grandes mentes —, trapou de

Romeu Peréa

FILOSOFIA, CIÊNCIA E LETRAS

É com profunda emoção e não fingida humildade que recebo esta manifestação de apreço de meus colegas universitários pelo quadragésimo aniversário de meu sacerdócio e, por feliz coincidência, de meu magistério, em Pernambuco.

E aumenta essa emoção e cresce essa humildade a circunstância de ser-me transmitida essa manifestação através do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas em união com o de Letras, disciplinas a que sempre consagrei a pobre inteligência que Deus me deu.

De fato, cheguei ao Recife na tarde do dia 26 de julho de 1937 e dez dias depois lá estava eu lecionando humanidades no curso médio e filosofia no superior que os carmelitas possuíam, naquela época, na cidade de Goiana.

Transferido, posteriormente, para o Recife, aqui continuei no agora Colégio Estadual de Pernambuco, na recém fundada Faculdade de Filosofia do Recife e no antigo Seminário de Olinda entregue às ciências sagradas e profanas, sem estabelecer, entre elas a mínima separação preocupado sempre com a unidade do saber humano, única capaz de dar-nos uma visão completa da vida, da sua origem e finalidade.

Sou dos que crêem nessa unidade, e desconfiam das possibilidades de um homem só, por mais robusta e privilegiada que pareça, ou, na realidade, possa ser a sua inteligência.

Dai o ecleticismo que procuro cultivar e que considero, sem vaidade, sadio e robusto porque com a mente voltada para toda manifestação do espírito, convencido de que toda verdade procede do enviado do Pai que, na profunda e esquecida, frase de S. Clemente de Alexandria a todos nós completa, por ser a única luz que ilumina a todo homem que vem a este mundo.

Esteve acertado Raimundo Lúlio quando, em plena idade média — a das grandes trevas e a das grandes claridades, também — trapou de seu punho e letra a árvore do saber.

Primeiro, a raiz (Teologia, ou ciência de Deus), depois, o tronco (Metafísica, ou ciência do ser) e de um lado e de outro as ciências particulares, como galhos a receber a única seiva que corre, ou deve correr pela árvore toda.

De um lado, a filosofia, a filologia, a geografia, a história, a arte.

E do outro, a matemática, a astronomia, a física, a química, a medicina e a geologia que, como vêem não é uma ciência nova.

Por não ter seguido aquela orientação tivemos, primeiro, a ~~barbárica especialização~~ de que falava Ortega y Gasset, e temos, agora, a ~~barbárie civilizadíssima~~ que tanto lamentava o recém falecido pensador Frederico Sciacca.

A especialização, eu sei, é necessária para aprofundar-se numa ciência determinada, mas essa especialização não pode, nem deve ser feita separando uma ciência da outra, mas dentro da unidade e subordinação que exige a hierarquia de todas elas.

Do contrário, mais cedo ou mais tarde, teremos uma ignorância generalizada em que cada especialista terminará sabendo um pouco de nada, ou nada de tudo que é o que, em parte, está acontecendo já.

O ideal seria, agora, como sempre foi, que «cessasse o divórcio entre os estudos sagrados e os profanos» como queria o grande mestre universitário Menéndez Pelayo.

Mas como dado o estado de nosso ensino inteiramente laico e secularizado não podemos conseguir esse ideal, isto é, o de ver a Teologia entrar como rainha que é de todos os saberes, nas Universidades, para de novo ser o eixo de ouro da nossa ciência, trabalhemos, ao menos, todos unidos, clérigos e leigos, como pedia o mesmo mestre universitário, cada um no grau de ensino em que o colocou a Providência para que a seiva do espírito teológico vigorize de novo o entendimento e

caráter nacional: assim, a nossa fé será um obséquio racional e não um sentimento feminino, nem um alarde de momento, nem ódio à razão disfarçado com a máscara da piedade.

Como agradecer, agora, ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas as nobres e generosas palavras de seu intérprete?

E como ao Departamento de Letras a nobreza de sentimentos de seu orador?

Seria eu ingênuo, se num momento como este, venha dizer a este auditório quem é a Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda, ou quem é o Professor José Brasileiro Vilanova.

Mas é um direito meu de que não abro mão por traduzir-se num dever sagrado o do agradecimento, manifestar de público esse agradecimento a esses dois eminentes professores da nossa Universidade.

À Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda, o nosso maior temperamento metafísico e uma dessas inteligências que Deus envia à terra, de tarde em tarde, quando quer premiar um povo, ou enriquecer uma raça.

E ao Professor José Brasileiro Vilanova um cavalheiro armado das letras e um defensor invicto da língua que vive, constantemente, com a sua palavra e escritos, a mostrar-nos o envilecimento e degradação a que se dirige essa língua se providências rigorosas não forem tomadas.

E à Universidade, que direi eu?

Direi, apenas, na pessoa de seu Magnífico Reitor que nos preside e honra, nos anima e estimula que tomo esta homenagem como uma nova obrigação — a de dar tudo a ela, que me deu tudo e continua a dar.

A todos, muito obrigado.

o de contemplação amorosa

Maria do Carmo Tavares de Miranda

para usar a expressão de Agostinho quando anatematizava toda falácia dos julgamentos ilusionistas — , nas «curiosidades espirituais», em lugar da busca da verdade que é sempre a realidade.

Estes 40 anos vividos aqui a serviço de Deus e de Pernambuco dão-nos na linguagem de João da Cruz, em cuja descendência o Padre Romeu Peréa sempre se instaura de direito e de fato, uma lição de conhecimento de Deus, tanto vespéral, (ou como também chamamos expectativo), quanto matinal, (ou segundo nossa compreensão, saboreio incoativo), pois ora nos apresenta Deus em tudo e sobretudo em nós homens, chamando-nos a uma realidade profunda e íntima, ora nos faz ver todas as coisas em Deus.

De Elias, de Tereza d'Ávila, de João da Cruz, o próprio Carmelo constitui sua vida, seja como terra a receber os dons, seja como ~~refletor~~ de ardor apostólico, e é dele que tira seu ministério, da ação e da palavra, do fazer e ensinar, como fruto de um viver tecido por um saber-experiência.

Por que não dizemos que a partir de João da Cruz pauta a sua vida, vivendo o

«Olvido do que é criado,
Com memória do Criador,
Com atenção ao interior,
E sempre a amar o Amado.»

e isto em contínuo dar-se e renunciar-se?

Assim é que a comunidade pernambucana o vê, manifesta-lhe afeto e gratidão, reconhece-lhe o caráter e a integridade, seu espírito de despojamento e de doação.

Do olvido do que é criado, é o seu espírito de renúncia ao próprio eu que o faz ser dedicado capelão da antiga casa de Detenção por 25 anos, deixando o encargo unicamente por motivo de saúde. E este olvido a si mesmo diz sua pobreza, fundamenta a virtude teologal da Esperança, enquanto aprofunda o entendimento pela inteligência da Fé e abre-se em Caridade. Esses anos de amor ao encarcerado e a sua família são exercício

de amar o Amado, como assim, também, em tudo que faz, em suas aulas de Sagrada Escritura no antigo Seminário de Olinda e de Medicina Pastoral no Curso Pio XII, de aperfeiçoamento para os sacerdotes, como nas aulas de diversas disciplinas no tradicionalmente chamado Ginásio Pernambucano. E aí, nesse educandário, ultimamente, foi à base de seu mérito do ensino de Religião, por ele ministrado, e de sua experiência que o Governo Moura Cavalcanti pôde restabelecer o ensino religioso com horário próprio entre as outras disciplinas em todos os estabelecimentos do ensino oficial do Estado. É também atenção ao mais íntimo, uma graça da memória, e sua responsabilidade de eleito e liberdade de convocado.

Justas são as homenagens, os títulos e condecorações que esta cidade já lhe fez e faz e deu em reconhecimento, e mesmo esta Universidade, atribuindo-lhe o que era seu.

Seus escritos, múltiplos em assuntos, que se estendem desde Teologia, Filosofia, passando pela Medicina, Psiquiatria e Psicanálise, até Direito, Política, Arte, Literatura, Economia..., e também numerosos, mostram o homem de riqueza de vida espiritual, auscultador e desejoso, como ele mesmo o diz em uma de suas conferências já publicadas, «da profundização do mundo interior que todo homem carrega, quer queira quer não, porque ninguém pode despojar-se da sua própria natureza, (desde que) o homem descobre as limitações de seu ser, ante a assombrosa abertura para um destino transcendente e eterno» (Academia — Ética e Literatura, Recife, 1976, pág. 12; «A Finalidade da Literatura e a Formação do Homem», in «40 Anos a Serviço da Igreja em Pernambuco», Recife, Cia. Edit. de Pernambuco, 1977, pág. 118).

Cumpra-me também lembrar os «Ensaio Universitários» sobre Frei Caneca, comemorativo aos 150 anos de sua morte, com trabalhos de vários professores e estudiosos, todos coordenados pelo Padre Romeu Peréa. E agradecer-lhe, publicamente, a oportunidade que me deu de poder estudar e descobrir com alguma profundidade essa grande figura do Martir pernambucano, para corresponder ao pedido do nosso homenageado e assim fazer-me participar como colaboradora. Estes Ensaio, melhor, esta Coletânea é de suma importância para nós, e para mim desvendou-me a grandeza de Caneca, um dos maiores brasileiros, cujo castigo que lhe foi imposto ainda fere a brasilidade de todo o Norte.

O reconhecimento das instituições pernambucanas

Entidades, instituições e grupos de amigos pessoais de Frei Romeu Peréa, renderam-lhe expressivas homenagens pelo transcurso dos seus 40 anos de Sacerdócio, todos eles dedicados inteiramente ao Nordeste brasileiro, principalmente Pernambuco, destacando-se como sacerdote, professor, conselheiro e intelectual.

Enumeramos, aqui, os ofícios de agradecimento de Frei Romeu, encaminhados para estas entidades: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco; Irmandade Nossa Senhora da Conceição dos Militares; Conselho Estadual de Cultura; Academia Pernambucana de Letras; Cônego Antonio Alves; e um grupo de amigos reunidos na residência do jornalista Edmundo Morais.

Ao Club Serra, Frei Romeu Peréa formulou este agradecimento:

«Sinto-me feliz e honrado, Sr. Presidente e demais membros do Club Serra, por esta vossa homenagem: primeiro, por ter o vosso Club como finalidade, amparar e proteger as vocações sacerdotais, e, como verifico, agora, a de reverenciar a conduta daqueles sacerdotes que, mercê de Deus, se conservaram fiéis à vocação a que foram chamados.

e, depois, por ser o patrono do vosso Club um meu patrício que, a serviço da Igreja, consagrou toda a sua vida em terra estrangeira, em benefício do próximo.

Junipero Serra, na Califórnia, e Jose de Anchieta, em São Paulo, foram os índices mais altos de ideal de evangelização e colonização a que aspirava a Espanha nos novos mundos e largas - terras que um outro filho da Espanha, Sêneca, vaticinara, haveriam de surgir.

Vaticínio, esse, que se cumpriu ao pé da letra, e que serviu de orientação, a uns e outros, para as suas navegações que deram como resultado um novo mundo.

E foi nesse novo mundo que homens como Anchieta e Junipero evangelizaram para civilizar, não o contrário, como tentam fazer agora, cometendo um verdadeiro sofisma de transição que está, de

novo, deitando a Igreja pelo chão, como de seu tempo dizia a Madre Tereza.

Épocas, as duas, de reformas, a da Santa e a nossa, parecidas e análogas nas causas que as produziram e as sustentam — reformas desligadas da tradição e afastadas do Magisterio da Igreja, única intérprete autorizada da Revelação que Cristo deixou a sua Igreja.

A história não é aquilo que a literatura imagina e cria, nem aquilo que convém a política de momento, mas a guardiã dos séculos, e a história dirá, sempre, que foram aqueles e não estes os que, verdadeiramente, serviram à Igreja, e, por amor a Cristo, serviram aos homens, imagem de Deus na terra.

Provesse a Deus que os novos apóstolos fizessem a decima parte do que fizeram homens da envergadura de José de Anchieta e Junipero Serra.

E como agradecer, eu, aqui e agora, essa vossa homenagem? Só encontro uma maneira - a de pedir a Deus me conserve padre em todo lugar e sempre padre, na vida e na morte, como espero e peço a todos vós, aqui presentes, oreis, neste sentido, por mim, a Deus.

Durante a Missa mandada celebrar na Matriz de Santo Antonio pela Associação de Imprensa de Pernambuco, em sua homenagem, Frei Peréa lembrou a figura exemplar do Padre Tito Brandsma, natural da Holanda, o qual, segundo ele, foi o grande defensor da liberdade de imprensa.

O seu pronunciamento:

Nem sabia da celebração desta Missa nem me lembrava, sinceramente, de meu jubileu de Imprensa. Dai a dupla grata satisfação quando vi a noticia, ontem, nos jornais da cidade.

E daí, agora, meu agradecimento àquele que promoveu a comemoração do jubileu, e àquele que mandou celebrar a Missa gratulatória.

Missa que eu pediria licença para celebrar em sufrágio da alma do grande defensor da liberdade de Imprensa, o Prof. Tito Brandsma que, nesta data, precisamente, faz trinta e cinco anos, morria num campo de concentração da Alemanha (Dachau) vítima da injustiça e prepotência conjugadas pelo crime de ter-se oposto à invasão da sua Pátria pelas forças nazistas, com a sua autoridade moral e sua força espiritual que poucos como ele possuíam em toda a Holanda.

Há uma série de singulares coincidências para mim, sobretudo, nestadada, que, providencialmente agora, é que penso, descobriram meus amigos, sem saber, logicamente, o mundo de emoções que em mim iriam provocar.

Foi num dia como este, 26 de julho, que às cinco horas da tarde, eu chegava ao Recife, na mesma data, portanto, que cinco anos depois, morria o Pe. Tito Brandsma.

E foi numa data como esta, também, que quinze anos antes nos encontramos na Espanha eu e Padre Tito Brandsma.

Designios de Deus, quem sabe, nos caminhos da história que na esplêndida definição de Menendez Pelayo «é um poema de amor».

E de amor para com o Pe. Tito Brandsma foram sempre meus sentimentos depois que tive não diria a

honra como a alegria e felicidade de encontrá-lo na sua, também, peregrinação atrás dos manuscritos dos místicos, peregrinação que se estendia da Andalucia à Siberia.

E ainda por amor a ele e sua memória foi que escrevi o volume que acaba de ser lançado sobre o sentido místico que ele imprimiu a sua vida, volume esse que é o quinto e ultimo dos cinco dedicados em equipe ao estudo dos grandes místicos na bilénaria história da Igreja Católica. «Faça sempre» dizia-me nas suas cartas o Pe. Xiberta meu guia, meu mestre, meu amigo. «como o Pe. Tito, Divida seu tempo entre a oração e suas outras atividades.»

«Os trabalhos intelectuais» — acrescentava ele — «embora não operem diretamente sobre as almas, constituem, entretanto, uma apologia viva da Igreja.»

Sabia-o por experiência o Pe. Xiberta que foi o maior teólogo da sua época.

E sabia-o por experiência também o Pe.Brandsma, que foi o maior místico da Holanda em toda a sua história.

E os dois, o primeiro com o exemplo da sua vida, e o segundo com o ensinamento da sua doutrina queriam porque queriam que eu pobre pigmeu! os acompanhasse, dois gigantes, cada um maior do que o outro.

Desaparecidos eles, ficou para mim a lição e o exemplo que sempre me deram e a satisfação imensa de ter-me aproximado em vida de dois homens verdadeiramente grandes, pelo seu muito saber e, sobretudo, pela sua virtude imensa, sempre voltados para a defesa da doutrina de Cristo e sua Igreja a quem consagraram a sua existência toda.

Apliquemos, pois, a Missa pela alma do Padre Brandsma, e façamos, ao mesmo tempo, um Memento pela do Pe.Xiberta para que o Sangue de Cristo interceda por elas junto ao Pai.

E esta a maneira mais cristã que encontro de celebrar meu aniversario da chegada à vossa cidade e, ao mesmo tempo, o meu jubileu de imprensa.

A colonia espanhola no Recife, atraves do seu Vice-Consulado, homenageou tambem o 40º aniversario de ordenação de Frei Perea, oferecendo-lhe uma significativa recepção. Foram estas as suas palavras de agradecimento

Sr. Vice-Cônsul:

Não poderia eu, nem deveria, de maneira alguma, sair desta vossa casa e do ambiente de vossa familia sem, ao menos, manifestar de público, meu agradecimento, puro e sincero porque despojado de todo interesse ou egoismo.

Permitiu Deus, Sr. Vice-Cônsul que nesta série de homenagens que imerecidamente recebo, em cada uma delas aparecesse uma nota que me fizesse lembrar da Pátria distante e sempre presente, o que prova que pode um individuo viver entre duas pátrias, a pátria de origem e a pátria adotiva, manifestando a uma e outra o mesmo amor uno e indiviso, recebendo também delas o mesmo afeto único com duas vertentes diferentes, cada uma em conformidade com seus hábitos próprios, com seus costumes

No Club Serra, a sombra de frei Junipero, o modesto leigo franciscano que chegou a fundar a Califórnia tornando-se um dos filhos mais ilustres dos Estados Unidos, lembrei-me da missionaria ação espanhola em terras estrangeiras

Na residência de meu amigo Edmundo Morais vi uma imagem da própria familia espanhola a familia como deve ser em toda a sua humana grandeza onde se harmonizam e completam a autoridade moral do pai, a ternura equilibrada da mãe e a união dos filhos, tudo dentro do mais amplo campo de liberdade sustentada pela disciplina e o mais perfeito equilibrio.

No Palacio, o Sr. Governador ao mencionar no decreto que me concedia a Medalha do Mérito Pernambucano a nota de espiritualidade que com o humanismo forma a síntese mais perfeita e acabada de toda santidade fazia-me lembrar de Anchieta que civilizou evangelizando tornando-se por isso o primeiro evangelizador

e humanista desta terra bendita, ao mesmo tempo que fundava cidades, como a de São Paulo, e abria colégios para os índios e os filhos de brancos, o que prova que o sacerdote, para beneficiar os povos, como e seu dever, não deve sair da sua esfera própria que é a de pregar o evangelho de Cristo - o resto virá por acréscimo, mas não cabe a ele ..

A Universidade não ficou atrás, à frente seu Magnífico Reitor, um enamorado dos nossos místicos, e ele próprio um verdadeiro asceta do estudo e da meditação mas que, mercê de suas várias e múltiplas qualidades de inteligência e espírito, tem de renunciar a seu interesse próprio em benefício de todos nós, sempre chamado a ocupar os lugares mais altos da coisa publica e sempre a exercê-los com a mesma dignidade e competência.

E, por fim, a Igreja que como mãe, sábia e prudente, não poderia faltar ao lado de seu filho localizado aqui ou ali, pois para ela não existem fronteiras.

O Sr. Arcebispo, num gesto de heroísmo cristão e prudência política, enviou-me a sua bênção e apoio a todas estas manifestações, comunicando-me pelo seu portador que sacrificaria seu próprio prazer o de estar presente ao meu lado em meu benefício por motivos que todos sabem e ele não oculta.

E agora Sr. Vice-Cônsul, para completar esse mundo de emoções que vem desfilando ante mim, mais esta manifestação de apreço da querida colônia espanhola, na vossa casa, um pedaço da Espanha, no convívio com a vossa familia, uma familia autenticamente espanhola - a mais parecida a que o próprio Cristo teve na terra, na opinião autorizada do Padre Peyton, o apóstolo universal do Rosário em familia.

A familia espanhola, dizia-me ele, e a mais parecida à familia que Cristo teve na terra, e a Espanha acrescentava ele também, e pela sua geografia e arquitetura o pais mais parecido ao em que nasceu Cristo, a Palestina

Foi por esse motivo que todos os artistas preferidos em todo o mundo para a filmagem dos mistérios do Rosário, foram todos eles espanhóis

A propósito desta filmagem e dos casos curiosos que aconteceram, contarei alguns fora de texto.

Mas antes quero terminar estas palavras agradecendo sinceramente à colônia espanhola esta reunião e a vos Sr. Vice-Cônsul, por ter permitido que fosse na vossa casa ao lado da vossa digna familia -

Frei Romeu Peréa foi distinguido também com a Medalha de Mérito Pernambucano, outorgada pelo governador Moura Cavalcanti.

As suas palavras de agradecimento proferidas durante a cerimônia realizada no Palacio do Governo:

Honra, por muitos cobijada, recebo de vossas mãos, Senhor Governador, esta Medalha.

Sei de antemão a responsabilidade a que me obriga, pois a recebo menos como prêmio e recompensa, do que como estímulo para continuar a trabalhar em benefício de Pernambuco.

Este, o sentido que deu, eo valor que atribuo a esta distinção que, generosamente, acaba de ser-me conferida.

E conferida por V.Exa., circunstância que para mim tem um valor maior, uma significação própria

É unânime, Senhor Governador, o elogio sobre a vossa honestidade, privada e publica

E unânime o elogio, também, sobre a vossa coragem, pessoal e civica. E para enriquecer essas qualidades, de si valiosas, acresce a vossa sinceridade que vos leva a dizer aquilo que pensais e a assumir a responsabilidade de vossos atos

Evidente, então, que, nunca, poderei agradar a todos, mas agradarei, sempre, aqueles que amam a justiça e se colocam a sombra da lei, em defesa da verdadeira liberdade

«Infeliz do governo dizia Victor Hugo que teme o aumento da luz, e o engrandecimento de seu povo» (Sessão da Assembleia Legislativa Francesa de 9 de julho de 1850)

E logico que o famoso e celebrado romancista e poeta não se referia ao aumento da luz da nossa CELPE

Deste, todos nós temos medo, e, quero crer, que até V.Exa. fica apavorado pensando na conta do mês seguinte

Referia-se ao aumento da luz da inteligência que vós, Sr. Governador, não temeis, pelo contrario, procurais difundir por todo o Estado aproveitando os meios honestos e permitidos da comunicação

Ai está a Secretaria da Educação de vosso Governo, e seu Departamento de Cultura

Ai a Secretaria da Justiça e seu Arquivo Publico.

E enquanto ao engrandecimento do povo fale por todas, a Secretaria do Trabalho e Ação Social, no seu esforço supremo, por transformar em povo sadio, forte e consciente a massa, cada vez mais generalizada, atraves da assistência completa, sobretudo, as crianças, homens de amanhã E para cobrir essas despesas todas, tendes vós, Senhor Governador, a frente da Secretaria da Fazenda um jovem auxiliar que esta se revelando um dos maiores economistas do Pais, em que pese a sua modestia

Por tudo isso, e, mais por motivos de ordem pessoal, de simpatia e admiração que de ha muito devoto a V.Exa. e, ainda, pela, também velha amizade a vossa familia em particular ao vosso e nosso caríssimo Jose Francisco, o bom matuto de Macaparana considero-me distinguido duas vezes a primeira com a Medalha que certamente tem seu valor, seu merito e a segunda com a circunstância de receber essa Medalha de vossas mãos limpas e honradas

Na Academia de Artes e Letras, recém-fundada e que funciona na Igreja dos Militares, Frei Peréa proferiu estas palavras:

É esta mais uma homenagem que, imerecidamente, recebo pelo quadragésimo aniversário do meu sacerdócio, exercido todo ele, de preferência, em Pernambuco e no no Nordeste

A primeira foi a do Club Serra ao sacerdote que, mercê de Deus, conservou-se fiel, até agora, à vocação a que fora chamado, em que pesem as fragilidades próprias da pobre condição humana. Depois, uma série.

E, agora, esta da Academia de Artes e Letras ao mais modesto de seus sócios, sem dúvida, como um estímulo, uma «injeção psicológica», para que contribua, na medida das suas limitadas possibilidades, ao desenvolvimento das Artes e ao cultivo das Letras

Ao cultivo das letras, que «pesquisam e comentam as artes, criando o clima para a sua compreensão e divulgação»

E ao desenvolvimento das artes, que constituem as diversas modalidades de que se reveste a ação humana e, em particular, a sua bondade em a ação para a conquista do mundo, pois «o mundo será salvo pela beleza», na feliz expressão de Dostoiévski.

Aceito com humildade a vossa homenagem que está menos nos seus meritos, mesmo porque a Academia esta começando, do que na vossa generosidade que a inspirou, e prometo que, ao vosso lado, sentindo o vosso idealismo contribuirei, modestamente, a esse desenvolvimento das artes, e a esse cultivo das letras que constitui a finalidade precípua da nossa Academia

E como agradecer as palavras nobres e generosas do vosso intérprete e meu amigo o Prof. Jose Lourenço?

Cavalheiro armado das letras e invicto defensor da lingua, vive o

Prof. José Lourenço num esforço permanente, remando contra a maré, num mundo ignaro como esse nosso, criado e sustentado pela massa, que tudo invade e domina, querendo sustentar a beleza e integridade da nossa linguagem

Como o médico que vê na lingua do paciente o caráter e estragos da doença, assim o Prof. José Lourenço vive a mostrar-nos, constantemente, a degradação e envilecimento a que se dirige a nossa lingua se providências rigorosas não forem tomadas

E entre essas providências eu destacaria a que considero, ao menos, para nós, mais fácil, e faço isso movido por um imperativo de consciência pois não constitui humilhação respeitar a inteligência dos outros, e aceitar a missão especifica que cada um tem a exercer na terra, e que ele, logicamente, exerce entre nós, a de aprendermos a falar e escrever com José Lourenço a nossa própria lingua - lingua que uns não estudamos e outros esqueceram...

Neste sentido, a sua conduta e atuação nos lembram as palavras do Êxodo e nos convidam a cumprirmos a lei prescrita para todo um povo. «Cuida para que se execute este trabalho, segundo o modelo que te mostrei no monte» (Ex. 25.40)

Traduzido e aplicado: cuidemos de seguir a lição que na defesa da lingua, nos da o Prof. Jose Lourenço, sobretudo, agora às quintas-feiras, no Jornal do Commercio.

Esse, o modelo que devemos seguir, e que nos foi mostrado na sua catedral que, agora, se prolonga pela cidade pelo pais inteiro

Ao Prof. Jose Lourenço o meu muito obrigado pelas suas belas palavras - belas e generosas

Cento e cinquenta anos depois, outros homens, outras idéias, e até mesmo ideais, cenários diferentes, aspirações as mais heterogêneas possíveis: foi nessa ambiência que se comemorou o sesquicentenário de criação dos cursos jurídicos no Brasil (São Paulo e Olinda-Recife). Enquanto na Capital bandeirante, os festejos culminaram com o lançamento da «Carta aos Brasileiros», no Recife e Olinda tivemos um programa variado, enfatizando aspectos culturais (lançamento de livros, conferências, etc) e esportivos.



O campeão da I MIG exibe a taça da vitória

Fundista do Japão é o vencedor da I MIG

O fundista japonês Juniti Kitai foi o grande vencedor da I Maratona Internacional dos Guarapes. Realizada em 11 de agosto, como parte das comemorações do Sesquicentenário de instalação dos Cursos Jurídicos no Brasil, a MIG contou com a participação de fundistas de dois outros países, além do Brasil: Portugal e Japão. Percebia-se, contudo, a ausência de um dos maiores fundistas brasileiros, o pernambucano Marivaldo Sena, da Polícia Militar. Cinco dias antes, treinando para a prova, Sena sofreu séria distensão muscular na perna direita, ficando incapacitado para competir.

A MIG — uma promoção do DED-MEC e do Governo do Estado de Pernambuco — foi realizada através do percurso Olinda-Recife. Os corredores saíram da Rua de São Bento, em Olinda, e tiveram como ponto de chegada a Rua Santa Isabel, na capital pernambucana. Seus patrocinadores tinham em mente «oferecer ao nordeste brasileiro a possibilidade de contrapor a imagem de abandono, seca e desolação, tão apregoada no estrangeiro, um evento desportivo, símbolo de eugenia e saúde, assim como propiciar à juventude brasileira, nordestina e dos países amigos, a oportunidade ímpar de atuar em prova de alto teor de endurance em clima tropical».

As três primeiras posições pertenceram aos japoneses Juniti Kitai (o campeão), K. Totaka (segundo colocado) e S. Osawa (terceiro colocado), vindo nas quarta e quinta colocações, respectivamente, o português Antônio Atabão e o brasileiro João Alves de Souza, do Rio de Janeiro.



Três funcionários são homenageados pela UFPE

Por decisão unânime do Conselho da Medalha foram agraciadas, em meados de agosto, três personalidades da Universidade Federal de Pernambuco: os funcionários José Antônio Gomes e Belarmino de Andrade Lima e o Professor Arthur Barreto Coutinho. O Professor Paulo Frederico do Rego Maciel, Reitor da UFPE, dirigiu palavras de saudação, inicialmente, aos dois primeiros funcionários, e um deles, Antônio Gomes, muito simples mas demonstrando visível emoção, ficou de pé enquanto o Reitor falava.

Arthur Barreto Coutinho, Professor e ex-Diretor da Faculdade de Medicina da UFPE, foi agraciado por sugestão do Professor Guilherme Salazar. O Professor Arthur Coutinho recebeu a Medalha do Mérito Universitário Marquês de Olinda. Ele dedicou toda a sua vida ao magisterio e à Medicina. Segundo Salazar, que o saudou, «Arthur Barreto Coutinho não precisa da nossa homenagem, nós é que precisamos homenageá-lo».

O homenageado, agora aposentado, tem inúmeros trabalhos publicados, tanto no campo da Medicina quanto no da Farmacologia. Ao agradecer, Barreto Coutinho disse a todos de sua emoção por receber a honraria. Afirmou que, na sua vida profissional, sempre procurou dar o melhor de si, trabalhando com dedicação e amor pela Medicina.

Cultura e esporte nos 150 anos

Orador evoca obra de mestres do Direito

Depois de confessar que, "tenho nesse discurso, uma imagem de saudade que me invade o peito. A mensagem que se guardou calada e que se faz miúda agora. A certeza da separação da gostosa vida de estudante. E o partir que nos separará, a distância que agiganta na pretensão" — o orador da turma do Sesquicentenário da Faculdade de Direito do Recife, Gilberto Marques de Melo Lima, fez uma série de evocações à obra de um Paula Batista Castro Alves, Tobias Barreto, Rui Barbosa, entre outros.

A cerimônia de colação de grau, realizada, como de hábito, nas escadarias da própria Faculdade, sob a presidência do Reitor Paulo Maciel, foi um acontecimento importante dentro da programação do sesquicentenário de criação dos cursos jurídicos. O patrono da turma foi o Senador João Calmon e parainfo o Professor Petronilo Santa Cruz.

CREDO POLITICO

Além de trechos de outros eminentes juristas, inclusive do então jovem estudante Demócrito de Souza, o orador inseriu no seu discurso esta oração de Rui Barbosa, então Senador, concebido como Credo Político.

"Creio na liberdade onipotente, criadora das nações robustas; creio na lei, emanada nela, o seu órgão capital, a primeira das suas necessidades; creio que, neste regime, não há outros poderes soberanos e o soberano é o direito, interpretado pelos tribunais; creio que a própria soberania popular necessita de limites e que estes limites vêm a ser as suas Constituições, por elas mesma criada, nas suas horas de inspiração jurídica, em garantia contra

seus impulsos de paixão desordenada; creio que a República decal, porque se deixa estragar, confiando-se no regime da força; creio que a federação perecerá, se continuar a não saber acatar e elevar a Justiça, porque da Justiça nasce a confiança, da confiança a tranquilidade, da tranquilidade o trabalho, do trabalho a produção, da produção o crédito a opulência a respeitabilidade, a duração o vigor; creio no governo do povo, pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem a base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberalidades do Tesouro constituiriam sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública; creio na tribuna sem furia e na imprensa sem restrições, porque creio no poder da razão e da verdade; creio na moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotência fatal dos incompetentes e no valor insuperável das capacidades.

Rejeito as doutrinas de arbítrio; abomino as ditaduras de todo o gênero, militares ou científicas, coroadas ou populares, detesto os estados de sítio, as suspensões das garantias, as razões de Estado, as leis de salvação pública; odeio as combinações hipócritas do absolutismo dissimulado sob as formas democráticas e republicanas, oponho-me aos governos de ignorância; e quando esta se traduz pela abolição geral das grandes instituições docentes, isto é, pela hostilidade radical à inteligência do país nos focos mais altos de sua cultura, a estúpida selvageria dessa fórmula administrativa impressiona-me, como o bramir de um oceano de barbarie ameaçando as fronteiras de nossa nacionalidade".



O orador dos concluintes do Sesquicentenário

Livraria «Geração 65», destaque do programa

A inauguração oficial da Livraria «Geração-65», na Casa da Cultura, simultaneamente ao lançamento de novas publicações por parte da Editora Universitária, foi outro ponto de destaque do programa do Sesquicentenário. Registrou-se a presença de eminentes personalidades como Gilberto Freyre, Paulo Maciel, Amaro Quintas, Geraldo Lafayette, Merval Jurema, Sebastião Barreto Campelo, Frei Romeu Perea, Nivaldo Machado, Rui João Marques, Roque de Brito Alves, Rubens de Souza, Miguel Otavio, Marco Antonio do Prado, poetas, escritores, entre outros.

Marcus Accioly, diretor do Departamento de Extensão Cultural, a quem coube a iniciativa de instalação da Livraria «Geração-65», após declinar uma série de nomes que contribuíram para a concretização do empreendimento, a começar pelo Reitor, Vice-Reitor e Pró-Reitores da UFPE, referiu-se ao poeta César Leal, também presente, que é responsável pelo lançamento no Suplemento Literário do Diário de Pernambuco, Revista Estudos Universitários e JORNAL UNIVERSITÁRIO, da maioria dos integrantes da «Geração-65». Explicou as razões da iniciativa, oferecer aos recifenses e visitantes, mais um centro de cultura, onde se podem adquirir todas as obras publicadas pela Editora Universitária, da Universidade Federal de Pernambuco.

Seguiu-se a palavra do escritor Gilberto Freyre, que destacou a iniciativa, vislumbrando nela mais uma contribuição à cultura em Pernambuco. O Mestre de Apicups fez, na oportunidade, longa referência ao livro de Amaro Quintas — **O Sentido Social da Revolução Praieira** —, dizendo do valor intelectual e da admiração que tem pelo autor, tendo o escritor Amaro Quintas agradecido, confessando haver recebido de Gilberto Freyre orientação efetiva para iniciar-se pelos caminhos da pesquisa e das letras.

BÊNÇÃO

Antes dos pronunciamentos, houve a bênção da «Livraria Geração-65», a cargo do Frei Perea. Ao final, a apresentação do Coral Universitário, que também faz parte das atividades do Departamento de Extensão Cultural da UFPE, composto por estudantes monitores da Bolsa Trabalho-Arte, fornecida pelo DAC-DAU.

A relação dos livros lançados pela Editora Universitária, os quais, entre outros, podem ser adquiridos na «Livraria Geração-65»:

Revista ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS — Coordenação de Lourival Vilanova e Cesar Leal, e os Livros — CINCO POETAS DA GERAÇÃO 65 — Pe. Romeu Perea, O ENGENHO BANGUÉ — Pe. Petronilo Pedrosa, DISPERSÕES DE UM MEDICO — Zacarias Maciel, TRÓPICO & PESCA — 2 volumes — Coordenação de Gilberto Freyre, TRÓPICO & CIÊNCIA — 2 Volumes — Coordenação de Gilberto Freyre, ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS-1976 — Coordenação de Joel Pontes, COLETÂNEA — Bertoldo Kruse, CANÇÃO DE FOGO — Jairo Lima, A LITERATURA NO BRASIL COLONIAL — Jose Brasileiro Vilanova, O SENTIDO SOCIAL DA REVOLUÇÃO PRAIEIRA — 5ª Edição — Amaro Quintas, SOBRE O CAMINHO DO CAMPO DE MARTIN HEIDEGGER — Maria do Carmo Tavares de Miranda, TITO BRANDSMA — Pe. Romeu Perea, MANUAL DE ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA — Maria do Rosario Nóbrega, VALDEMAR DE OLIVEIRA — UMA VIDA... UM EXEMPLO — Depoimentos, O MARQUÊS DE OLINDA E O SEU TEMPO — Costa Porto, NO BRASIL SÓ HÁ UM PROBLEMA: A EDUCAÇÃO DO POVO — Miguel Couto, O GABINETE OLINDA E A POLÍTICA PERNAMBUCANA — Gláucio Veiga, POÉTICA — PRÉ-MANIFESTO OU ANTEPROJETO DO REALISMO ÉPICO — Marcus Accioly.



A palavra abalizada do Mestre Gilberto Freyre

MACIEL:

vivemos uma hora de crises



Em pronunciamento que fez na cerimônia de lançamento do livro — A Faculdade de Direito do Recife —, escrito pelo Professor Nilo Pereira, no Palácio do Governo, no dia 11 de agosto último, data máxima das comemorações do Sesquicentenário de criação dos primeiros cursos jurídicos do Brasil, o Reitor Paulo Maciel, da UFPE, reconheceu que o momento é de crise. Crise não somente do ponto de vista político, mas também na cultura, na religião, nas artes, etc.

Fez o Prof. Paulo Maciel incursões pelos vários campos do pensamento e da atividade política, salientando, por exemplo, “que vivemos, no Brasil, um autoritarismo, nunca um totalitarismo como apregoam alguns”. Lembrou, ainda, o vaivém de influências entre o Oriente e o Ocidente, afirmando: “Assim, as chamadas democracias populares e os chamados socialismos Afro-Asiáticos pouco têm de Marx e nada do Marx jovem. Entretanto, estas formulações, chegam a empolgar o Ocidente que as teme. O Ocidente, por sua vez, busca originalidade oriental nas religiões e daí um série de fenômenos, que não cabe agora destacar”

O PRONUNCIAMENTO

«Um gesto de V.Excia Senhor Governador Moura Cavalcanti há poucos minutos realizado revela o Bacharel — o seu tanto liberal — e o senso de humanismo com que a Faculdade de Direito contaminou a todos nós. Haveria V.Excia de honrar essa tradição no Palácio do Governo. Nenhum lugar melhor, pelo seu significado próprio, que este, para realizar-se uma festa de confraternização cultural, através do livro de Nilo Pereira.

Observo um detalhe: quando Miguel Reale, em Pernambuco, disse que a elipse da cultura brasileira não se faria sem a Faculdade de Direito do Recife e a congênere de S.Paulo, deve ter parecido a alguns extravagante o emprego de linguagem geométrica. Entretanto, quem sabe refletir — ao contrário do que se pensa o Bacharel ilustre, fala pouco e é preciso nas expressões, e um Bacharel original em relação ao típico, por ter estudado um pouco de matemática, na sua função desviada de Economista, entende ainda melhor os conceitos — sustentará como inteiramente válida a imagem do grande mestre Reale. Se nós falássemos em círculo cultural — aqui tem engenheiros presentes, como Roberto, filho de Nilo Pereira — é evidente que só referiríamos a centro e raio e não a focos e eixos. Na realidade a elipse tem focos que se colocam em relação ao eixo maior ou menor. De maneira que, foi altamente válida a imagem de Reale. Sem esses focos e sem esses eixos, outros lugares «geométricos» existem na vida brasileira, no setor científico e tecnológico, porém, no setor humanístico, e com suas repercussões econômicas, políticas e sociais, a imagem é a elipse e os focos e os eixos são determinados por Recife e S.Paulo. Daí partiram ressonâncias variadas e longínquas. Ontem, vimos o lançamento dos livros fundamentais de Clovis Bevilacqua e Spencer Vampré. Tenho hoje a satisfação de ver continuar-se a cerimônia com Nilo Pereira. Essa obra, de grande magnitude, traduz o que é o humanismo a partir do Direito, em Olinda — Recife e São Paulo. É evidente que Nilo Pereira, ele mesmo é um Bacharel de Recife, tem todas as características — é polivalente. Escreveu muito bem, faz dois dias, que o humanismo brasileiro, por ser originado de Faculdade de Direito, tomou uma característica muito particular. É um humanismo controverso, diversificado e debatido, mas nunca cheio de exclusivismo.

RIVALIDADE

Como dizia, hoje de manhã, em Olinda, tive o privilégio de fazer pós-graduação fora, em Paris. Lá constatei a rivalidade nos caminhos «humanistas» entre Filosofia, Sociologia, Antropologia etc. É que surgem de mundos diferenciados de estudos, centros diversos, que acentuam as suas rivalidades disciplinares, em



parte porque desenvolvem seus trabalhos de modo autônomo. O humanismo do Recife foi muito interdisciplinar. Por isso, os historiadores, antropólogos, sociólogos, de mistura com juristas, e até ao par destes, formaram esse humanismo misto da Faculdade de Direito do Recife.

Mestre Nilo é isto: humanista sem especificações. Sei que foi Promotor. Acompanhei, ainda jovem estudante, a sua atuação como líder na Assembleia Legislativa, onde revelou a sua fidelidade e competência em Teoria Jurídica, para voltar agora veterano, protegendo advogados jovens, inclusive sua filha e genro. Nunca lhe faltou a sensação do jurista, mas é um historiador, um ensaísta, um homem das «humanidades», da Paideia que, no caso dele, se enriqueceu até de Teologia. Não traz um dos pecados das «humanidades», na hora atual, que está exatamente nisso, no seccionamento exagerado. A repartição didática passou a ser inspiração dos humanismos, uma espécie de gesto de desdobrar-se, como forma de progredir. Por outro lado, outro aspecto das «humanidades» é que, desde Spinoza, deveriam ser estudadas as paixões para incentivar o homem a corrigir-se e passou-se a tê-las como gabarito, o que não é normal. Isso é um sinal dos tempos. Precisamos restabelecer a nós mesmos, o simples homem comum. É a grande função do «humanismo».

LIVRO AGÔNICO

É evidente. meu caro Nilo, que pela nona vez orador, nesta semana, como todos notam, não tive ocasião de

esmiuçar o seu livro. Passei uma vista, simplesmente, e entendi o substancial. É um livro agônico e periódico, com prospecções para agora. Exatamente, vive um período, atingindo em cheio a sua geração. Vejo aqui presente vários de seus colegas bacharéis. João Roma é citado; só que ele como Diegues, como Andrade, como Quintas não vieram desta vez com o General Nelson de Melo. Do contrário, alguns inconvenientes poderiam se reproduzir, dificultando esta tranquilidade, mas também devendo salientar-se o gesto e o senso jurídico daquele ilustre militar.

De fato, o livro caracteriza um período que continua repercussivo até agora. Apenas com uma diferença é que as categorias de pensar, de então, são insuficientes hoje.

Noto, sendo Bacharel, mas tendo, por oportunidade e formação, desvios do meu bacharelismo, e, ainda, formas de convivências universitárias, proporcionadas pelo meu cargo que não é comum a todos bacharéis - verifico e tenho a coragem de dizer que há necessidade de renovar o humanismo. Renovar, isto é voltar à coisa, pegar a raiz, entretanto, enxertá-la com categorias das Ciências Exatas e Biológicas e das Técnicas. Requer-se o enriquecimento do humanismo, apropriando-se à hora presente.

CIÊNCIA E HUMANISMO

Foi meu companheiro de viagem, ontem, o Prof. Eraldo Almeida, homem de formação em epistemologia e filosofia das ciências, pela própria disciplina que rege, e concordou isto comigo. Aqui está mestre Lourival

Vilanova, um lógico, com formação para observar estas carências. Os que vêm da Matemática e das Ciências Exatas, ou das Biologias, não recusam o humanismo, mas recusam a não inserção nele de categorias que as ciências e as técnicas estão impondo. Até porque, não podemos pensar com rigidez no passado; em termos de matemática, porém de matemáticas; em termos de dialética, sim, mas sem abusar do aspecto, talvez menor, isto é da simples contradição, tirada da dialética marxista. Há dialéticas mais ricas, com inovação e invenções e demais. Vamos enriquecer de todas essas coisas o humanismo. É a grande função dos bacharéis da atualidade. Mas, apesar de tudo, com todas as correções, a crise continua; é a velha crise pascaliana. Na verdade, temos todos uma certa inspiração francesa. Disse uma vez se não me engano o próprio De Gaulle: a França era um pouco Corneille, que era ele mesmo De Gaulle, com a idéia trágica e grande da França, e Balzac, a análise racional. Pode ser, também, Descartes e Pascal. Levanto uma dúvida, leitor que fui de Pascal, com grande encantamento. É que Pascal é, ao mesmo tempo, agostiniano, por conseguinte angustiado, e cartesiano, por conseguinte lógico. Ele é ele mesmo e Descartes. Curioso isso; é de todo francês. Lendo há pouco — devo dizer que estou desconexo, pois falando totalmente de improviso — o programa comum da esquerda francesa, através de Duverger, colhi uma interpretação fabulosa. Ele diz que, o que há de marxista nesse programa, é unicamente pela necessidade que tem o francês de basear-se em um sistema racional e como Descartes não era pensador político, eles franceses, têm que ser marxólogos, ainda que não sejam marxistas. Por outro lado, há o francês agônico nesse programa. Há o lado agostiniano, a nuance de cultura católica, mesmo nos descrentes. Isso aconteceu a todos nós afrancesados intelectualmente.

Interessante é que o enredo de Nilo centrou-se, com exatidão em um tempo de grande confronto, nas Escolas de Direito, entre as esquerdas e as direitas. Depois, veio o lançamento de Jacques Maritain, que é um autor pascaliano a seu modo. Essa é a grande verdade; pois ele é, essencialmente, um neotomista. A sua influência continuou-se aos de minha geração.

Neste aspecto, em torno de Maritain, também sou um pouco desviado. Cheguei a ele pela Lógica, pelos «Gaus de Saber», pelas «Reflexões Sobre a Inteligência», porém a maioria chegou pelo «Humanismo Integral». Maritain foi, realmente, um pensador vivo em disciplinas científicas e no realismo de São Tomás, mas englobou também Santo Agostinho, no sentido de aspirar à renovação da Cidade de Deus.

É evidente, que esse duplo senso contaminou toda a geração de Nilo e muito de seus sucessores. Vou porém um pouco mais adiante e volto ao próprio Nilo, na Academia Pernambucana de Letras — Mauro Matia vai me auxiliar nessa lembrança — para dizer com ele que o grande drama da hora presente ainda é o mesmo daquela época. É a divisão entre Henri Massis e o Ocidente restaurado e, pelo contrário, Splenger, derrubando o Ocidente. Acrescente-se um paradoxo: o Ocidente exportou para o Oriente determinadas formas de cultura, que de lá voltam deformadas para tentar derrubar o Ocidente. A grande verdade e grande curiosidade é que esses sistemas nada mais têm de marxismo — são muito mais de Charles Maurras. Se as concepções se medem pelos frutos, a destes marxismos são totalitárias. Assim, as chamadas democracias populares e os chamados socialismos Afro-Asiáticos pouco têm de Marx e nada do Marx jovem. Entretanto, estas formulações chegam a empolgar o Ocidente que as teme. O Ocidente, por sua vez, busca originalidade Oriental nas religiões e daí uma série de fenômenos, que não cabe agora destacar.

Curioso este drama atual, a que se acrescentam, para os de minha geração e das de Nilo, as inovações tecnológicas e o consumismo. Tudo complicando a crise.

É possível, francamente, dizer-se tudo isso, falando sem peias e numa casa de Governo. Só mesmo na direção de um Bacharel como Moura Cavalcanti

AUTORITARISMO E TOTALITARISMO

A verdade é que se pode falar, neste país, de imperfeições, incluso as brasileiras. Falo livremente, até para gaudío do Governador Bacharel e desgosto dos seus adversários. Afinal, falam do totalitarismo brasileiro, mas eu vou sair daqui livre e Reitor, e Soljenitzin continua em Paris, sem poder voltar a Moscou. Eis uma grande verdade, e ele é muito maior do que eu. Não há dúvida que somos um povo livre, conquanto caminhamos, por aproximações, creio que para ainda melhor.

Moura Cavalcanti vai admitir comigo, que há um autoritarismo. É uma categoria política do momento, vigente em boa parte do mundo, e que pode passar amanhã. Não é equivalente, porém, do totalitarismo. Em teoria e prática são diferentes.

Curioso, o livro de Nilo é que veio agitar, pois que levanta uma agonia, que se continua até agora. Encontra um momento marcante da vida brasileira. Momento de muitas ressonancias e dificuldades. Primeiramente, houve progresso, é inegável, na pós-revolução; mas há pontos críticos, naturalmente.

Até ontem, certas oposições estavam sendo tomadas mais pelos artistas, especialmente os de cinema, televisão e música popular. Agora a perspectiva mudou. Isto é interessante, porque na contribuição artística havia a necessidade do próprio artista sobressair-se e um certo inconformismo, próprio do gênero! não havia segurança de doutrina. Em determinado momento o bastão parece passar aos cientistas sociais.

Neste particular, a reunião da S.B.P.C. foi significativa. Mostrou que alguns ainda se conservam numa mesma semântica, mas outros cientistas sociais, sentindo a responsabilidade nos ombros, começam, honestamente, a fazer transações e, até, a reconhecer que, também, alguma coisa de válido se fez agora.

CONQUISTAS DEMOCRÁTICAS

Neste Palácio, nestes instantes, numa casa de inteligência, não é estravagante, embora para alguns escandalize, citarem-se Nelson Pereira dos Santos e outro grande nome do cinema que é o Glauber Rocha. Eles chamaram a atenção para conquistas democráticas, feitas por militares, inclusive os de agora advertindo contra certas aberturas, que podem ser composições de interesse de elites econômicas internas e até externas. Na realidade, o problema é este: enquanto se aspira somente o estado liberal, que é uma conquista eterna de valores, não se vê por trás disso confluências de outros interesses. É bom distinguir, como o próprio e ilustre Presidente da Ordem dos Advogados no Brasil, o Prof. Raimundo Faoro, os liberais dos democratas. Os liberais nem sempre são democratas, conquanto os democratas muitas vezes sejam liberais. Uns cedem e seguem de cima; os outros, os da democracia, são forças sociais que auscultam as outras e não recusam nenhuma. Ai é que é preciso que diga, com a desnecessidade de defender «ismos» e muito menos civilismos, pois não distingo militares de civis, que em certas horas as marcas inovadoras partiram de militares e não somente em Administração ou Economia como também no social. Vejam que Euclides da Cunha foi um para-militar. Anote-se que o Tenentismo, em Recife, em 1930, foi um movimento reivindicatório da pequena burguesia e teve amplo apoio proletário. Aos tenentes não faltou doutrina, mesmo porque os debates entre Prestes e Juarez Távora firmam posições e contra-posições, mas



revelam idéias sociais. Os bachareis é que às vezes, podem ter sido mais liberais do que democratas. Embora, para honra dos pernambucanos, os daqui sempre se destacaram pelas conquistas socializantes, para o bem estar do povo.

Não fiquemos, neste instante, olhando tecnocratas ou tecnocratas a sacudirem pedras em outros tecnocratas e alguns se aburguesando no comando das Empresas Públicas. O de que se precisa é vencer a tentação totalitária, fortemente estatizante, como lembrava um pensador francês, para experimentar, evidentemente respeitando a ética, também, em organização social. Precisamos reformular muitas coisas. Enfrentar a nossa agonia com a coragem que Nilo Pereira estimula nesse seu livro.

AGONIA DE PASCAL

Essa hora continua a ser a hora de Pascal. Não vamos renegá-lo, nem renegar os valores do Cristianismo. Ao contrário do que se pensa, estes se atualizam. De fato, passamos do triunfalismo, que vem dos tempos de Constantino, e temos de superar outros triunfalismos da Igreja que pretende ser só de massa. E preciso assentar no valor da Transcendência. Como, também, estão em voga os valores do patriotismo, sem desconhecer internacionalidades, ainda, mais que tudo, são invulneráveis os valores do homem normal, do comum das criaturas que precisa ser redescoberto.

A agonia que Nilo caracteriza para a nossa Faculdade de Direito, e que se continua até agora, é coisa que a mocidade deve ouvir, para valorizar a nossa Escola, o que foi, e o que ainda pode ser, além do que é.

Antes, em Olinda, foi uma Escola Prática. É preciso observar que Teixeira de Freitas, que se formou lá e que foi um inovador extraordinário, fez Direito Constitutivo, não foi um leitor nem um comentarista. Depois, a Escola em Recife abraçou correntes europeias do pensamento. Os bachareis do Recife — eu que já mostrei que não tenho interpretações exclusivas clausistas, mas acho válida a classe em Sociologia — foram bachareis desalentados de um Nordeste, que perdera a liderança econômica e política no Brasil. Começou-se a pensar em Escolas Filosóficas e outras, não só por isso, mas também por isso. Ai esta Tobias Barreto, com a Escola Alemã; a Escola Francesa, para a qual Gilberto Freyre chamou a atenção, pois existiram Soriano, Millet, Joaquim Nabuco e, até, eu acrescentaria a Escola Italiana com João Vieira. Precisamos nos enriquecer da lembrança disto. Não ficando só no exclusivismo pois houve várias contribuições respeitáveis. Autran e Apregio — estudados por Glauco Veiga — foram grandes, como Silvio Romero e Martins Júnior.

CASO DE JUSTIÇA

Quería aludir, ainda, a um caso de justiça, para fixar os confrontos entre S. Paulo e Recife. Miguel Reale, notável pensador brasileiro, chamou a atenção que se criou em S. Paulo, a partir dos cursos preparatórios, um sistema. o Krausismo, Krause foi um filósofo maçon, pos-kantiano e que influenciou muitos acadêmicos de S. Paulo, inclusive Rodrigues Alves, e que talvez tenha teorizado a «Bucha», organizada por Julius Frank. E preciso, porém, não esquecer que em Pernambuco houve influências que os bachareis assimilaram, sem provirem de bachareis. Assim, a de Frei Caneca, ponto alto do pensamento latino-americano, como também, na mesma linha, Abreu e Lima e ainda Figueiredo, divulgador de Cousin e Vauthier, que pensou socialismo no Recife. É inegável o valor das sociedades

secretas e dos cursos preparatórios de S. Paulo. Entretanto, Pernambuco teve o seu Ginásio Pernambucano e o seu Liceu de Artes e Ofícios, onde ensinaram Nascimento Feitosa e penso chegou a ensinar Farias Brito, este último realmente um grande pensador. Um bergsoniano, sem ter se vinculado a Bergson. Fernando Mota salientou isto. Também não se pode apoucar a contribuição política de Recife. S. Paulo teve Rodrigues Alves, Afonso Pena e Prudente de Moraes, porém nós tivemos Epitácio Pessoa. E começando por Moura Cavalcanti, agora, e indo por essa galeria todinha de governadores, que estão nas alas do Palácio, vamos encontrar muita coisa da história política do Brasil. A Faculdade de Direito, por conseguinte, foi e é um patrimônio enorme de cultura e ação, e foi isto que o esforço de Nilo promoveu em um ano.

O livro dele está sendo altamente esperado; devo dizer disto como depoimento. Várias pessoas já me pediram o texto. Afinal de contas, depois da reedição do bem sucedido livro de Andrade Lima, de se aproximar da atualização nos livros de «Tropiologia», apaziguando-se com o Mestre Gilberto Freyre, Merval Jurema, o Diretor da Editora Universitária, vai ser aperreado para reeditar o livro de Nilo Pereira.

Estou falando, repito, inteiramente à solta, dando o meu pobre depoimento de bacharel. Tenho a honra imensa no lançamento deste livro e, acrescente-se na casa do Governo do Estado, num gesto largo e num dia como este, que passou a ser um símbolo de confraternização cultural.

LEI DA VIDA

Sinto e peço aos que podem levar repercussões até a mocidade —, que pouco aqui veio, talvez por achar isso muito triunfal —, mas a lei da vida tem a sua retórica e os seus protocolos que a convoquem para a agonia que vem com este livro, e que deve ser interpretada em termos brasileiros, com as nossas contribuições típicas, o nosso dom de conciliar, a nossa interação racial, a nossa Ecologia. Não pense a mocidade como de hoje o que já é de ontem. Veja-se a rápida mudança do pensamento francês e, agora, do inglês. Também os Estados Unidos estão em ebulição. Tudo isto convoca a mocidade, mas é preciso gradapão. Projetos e modelos são palavras que exigem explicações lógicas e epistemológicas. A política engloba valores e experiências; é palavra maior. Afinal, vê-se que o nosso Presidente ausculta, e que apenas não prestigia a pressão dos radicais ou o empurrão dos aproveitadores.

Tiremos, nesta hora, lípiões de muita coisa, através da nossa Escola de Direito do Recife. Não só do passado, mas de agora. Aqui estão presentes Lourival Vilanova, nome maior da Lógica do Direito e Pinto Ferreira, teórico do Estado, e muitos outros que deixo de citar. Disse alguns, porque é boa a força do exemplo.

Há várias contribuições. Sou de uma turma de professores. Aqui vejo Brito Alves, Rosa e Silva, Ruy Antunes, Barreto Campelo, por todos esses eu boto a mão no fogo, pela marca dos seus desempenhos.

Então, essa Faculdade tem valores enormes, tem valores do momento de agora e é por isso que eu saúdo, e de todo o coração, este livro de Nilo, bacharel pensador, homem do senso da controversia, que é um voltar-se para o outro e não se por de frente para o outro, que é o confronto.

SUBSTANTIVO

As vezes a vitória da semântica é uma tática no mundo moderno. Medito no substantivo. Esta hora é hora da conciliação, hora maior que a partir do



Mosteiro de São Bento, hoje, com a liturgia dos sinos, não parou simplesmente em exaltações. Nada disso. Estamos abertos a tudo, abertos à convivência e às meditações. A Faculdade de Direito nunca fechou, nem ontem, é uma interpretação, não é veraz. É preciso ver os fatos como eles aconteceram. Organizar uma festa não se faz de um hoje para um amanhã, e nem deixamos de fazer arrumação. Além disso, o dia 10 é folga interna para recompensa do dia 11, em que os servidores de Direito trabalham. Depois, nós temos responsabilidade, repito, não é hora de confrontar. O programa, aliás revisto muitas vezes, não muda a última hora a sofrer alterações. O Diretor sabia que havia uma Maratona, como houve, com participação internacional e presença consular. Ai sim, seria imprudência e leviandade deixar conflitos entre jovens, pois que a disputa esportiva tinha patrocínio de estudantes também.

Nunca convém pousar de heróis, englobando os jovens que acabam sempre descobrindo o valor dos gestos.

Vamos celebrar, insisto, este dia em conciliação: Começou pela liturgia do «Te Deum» — belíssima; o coral da Faculdade de Direito brilhou. Depois, do meu lado, quando descerramos a placa, estava Germano Coelho, prefeito de Olinda, e por que não? — É Olinda, somos dois bachareis, controversia talvez, mas jamais conflito. E agora, Moura Cavalcanti. Ai está o depoimento do Governo acolhendo os valores culturais, mostrando abertura a tudo isso. E vou sair daqui agora sem «habeas corpus», à vontade, Sr. Governador. Falo agora pela nona vez, sem saber que ia falar, mas concluo mesmo, à vontade, e saio feliz para realizar a formatura.

TOLERÂNCIA

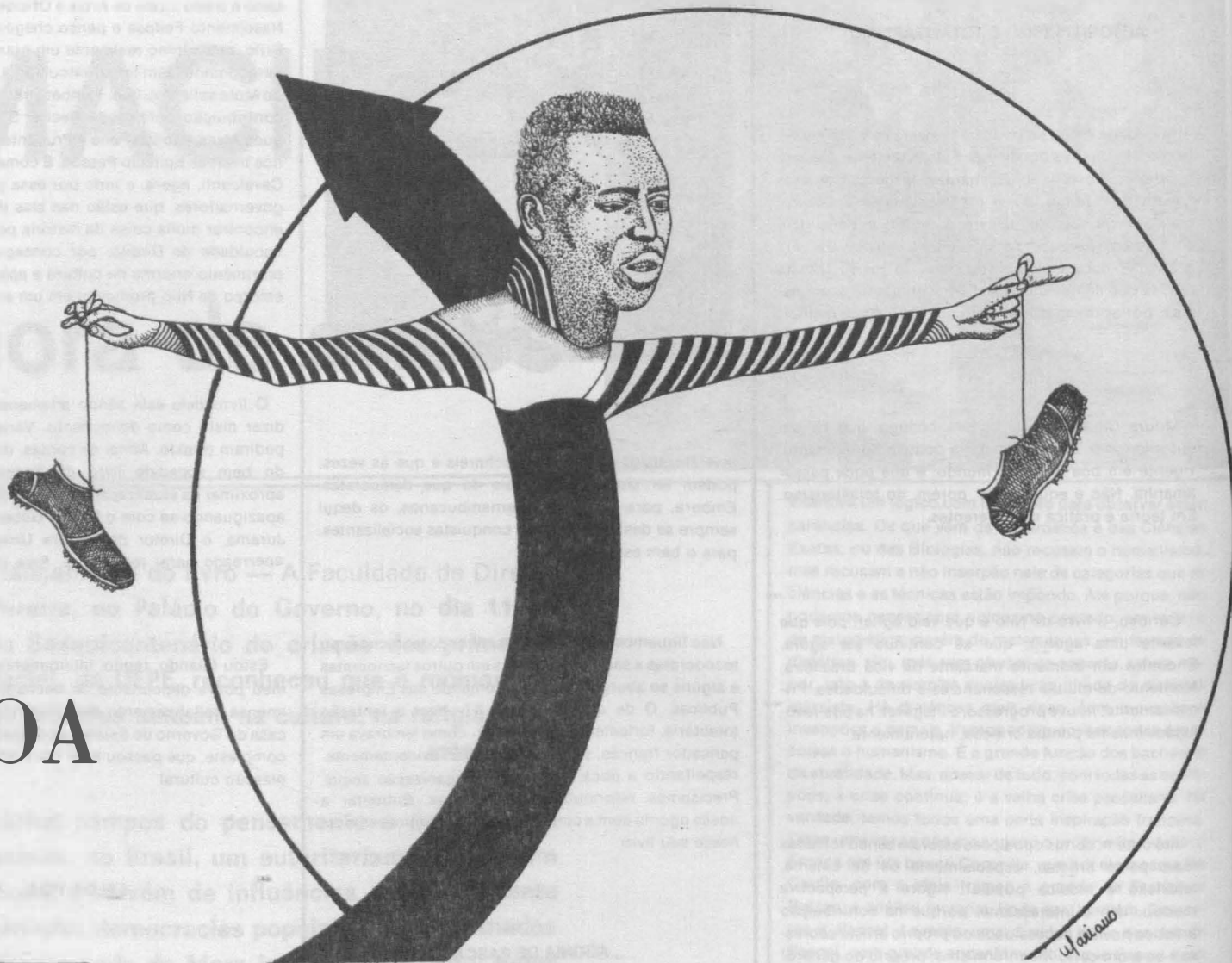
Anunciaram que não ia haver a cerimônia. Vai haver, e belíssima, neste ano do Sesquicentenário, inclusive com entrega de prêmios, e depois, com orquestra: uma Sinfonia Comemorativa. Vamos concluir este dia, pois, com este espírito realmente tolerante. Universidade é isto, é tolerância exatamente porque estudante é «status», não é classe, nem deve usar de processos desta.

Então, vamos meditar bem nestas coisas e nos inserimos nesta grande hora de conciliação, que está sendo isto. Vamos manter o espaço opinativo. Vejam como Nilo Pereira está felicíssimo pelo que fez, pela sua inteligência, pelo seu passado, pelo conteúdo deste livro. Isto é ação intelectual. Além disto é que os fatos facilitaram, ele foi um catalizador, agente químico, sem querer, o nosso Nilo, notável. Tenho um prazer enorme em desataviadamente saudar todas as autoridades presentes, toda esta inteligência pernambucana e meus estudantes, esperando deles o clima que na Universidade sempre existiu; agônico, mas agonia é como crise para parturição, para criar.

É neste estado de ânimo que um, que já vai mais do que eu nos caminhos da vida, Nilo Pereira, trabalhando como trabalhou, pensando como pensou, revivendo com tanta alegria fatos do pitoresco e coisas seríssimas, como li, de passagem, nos seus capítulos, esteve à altura do que comemorou-se ontem, com o relançamento de Clovis Bevilacqua e Spencer Vampré, e continuou-se com o esporte, cultura, este livro, conferências, religião, e, hoje, com a condecoração dada pelo Governador Moura Cavalcanti.

Para mim este foi um dia enorme de satisfação. Meu abraço para todos.»

REI DEIXA O TRONO MAS FICA COM A COROA



Mais lamentável do que o encerramento da sua carreira — circunscrição natural a todo ser humano, por mais superior que seja o seu talento, a sua obra —, é o fato de não haver surgido, até o momento, nenhum herdeiro à altura para receber a sua coroa. O que levará a esta conclusão: afastou-se das canchas, pendurou as chuteiras (que certamente serão disputadas pelos museus) mas continua Rei, sem sucessor.

Antes de disputar uma das suas últimas partidas defendendo o Cosmos, de Nova Iorque, não resistiu ao delírio dos setenta e cinco mil espectadores que foram ao estádio para vê-lo em ação: deu a volta olímpica e, ao ouvir a platéia gritar em coro — "Pelé... Pelé... Pelé..." — as lágrimas banharam a face negra, como se ali estivesse o menino de dez anos, o pretinho que todas as manhãs batia peladas e rolava pela areia juntamente com outros guris do seu tempo, ao sopro da brisa atlântica das paragens santistas.

Mas ele não pôde resistir aos apelos daquela platéia. Naquela hora, quase ao ocaso de

uma longa trajetória, pontilhada de ricos capítulos. Isto mesmo, a ele, talvez somente a ele, coube colher os mesmos frutos dos primeiros anos, como se começasse ali, exatamente naquele momento, o seu Reinado. Fenômeno jamais alcançado por nenhum outro pebolista. Principalmente no difícil e nem sempre grato mundo do futebol. Esporte que geralmente oferece fim amargo a quantos a ele se dedicam. Mas Pelé foi superior ao próprio tempo. E aquela apoteótica manifestação dos norte-americanos ecoa bem alto. Foi espontânea, foi reconhecimento. A ele que sacudiu o futebol dos Estados Unidos, que até então encaravam esse esporte com cetismo. Este, talvez, o segredo que o levou a defender o Cosmos, e não apenas as vantagens financeiras como muitos apregoaram maliciosamente. Sem qualquer respeito às razões do Rei.

Aos americanos, o privilégio de assistirem às últimas apresentações de Pelé, que foi para eles um verdadeiro embaixador do futebol brasileiro. Conseguiu sacudir um país inteiro, despertando-o para a grandeza do esporte bretão. Agora, já se pode estabelecer: para os norte-

-americanos, em se tratando de futebol, há duas histórias: antes e depois de Pelé. Pouca coisa há para se dizer, no primeiro quadro; enquanto no segundo, com a ida do Rei para o Cosmos, a história foi enriquecida. O americano passou a gostar, e mais do que isto, começou a se preparar com vistas a se tornar competitivo, dentro e fora do seu país, e, quem sabe, disputar as próximas Copas Mundiais de Futebol. Tudo isso, graças ao talento de nosso embaixador Pelé, mais do que embaixador, o Professor Pelé. Sim, porque foi para ensinar. Ensinou e os alunos, ao que parece, assimilaram bem a matéria.

Mas Pelé está de volta. Não teremos mais o grande jogador. Mas o cidadão, simplesmente o cidadão Edson Arantes do Nascimento. Claro que teria de parar, capricho do próprio tempo, ao qual ninguém pode fugir. Cabe ao Brasil inteiro recebê-lo de braços abertos e render-lhe as homenagens que merece, mais do que nunca, nesta hora, difícil hora, o ocaso, que vem sempre carregado de mistério, de incertezas, não diria materiais, mas no campo psicológico, emocional, humano. Exigir mais de Pelé, seria mais do que

ingratidão, seria exploração. Ele que deu demais, não apenas ao futebol, mas ao Brasil como um todo, projetando uma imagem grandiosa no exterior.

Ele volta de coração partido. Conforme declarou, após 22 anos de prática futebolística, convenhamos, é muito difícil para ele, de repente enfrentar uma realidade nova, distante das canchas, da emoção e reboliço dos estádios de futebol. "O futebol tem sido minha vida. Uma parte do meu coração" — confessou, para logo em seguida ser enfático: "Já não me resta nada por fazer. Além disso, é muito importante saber quando é hora de ir-se. Já não posso fazer o que fazia antes. Se alguém joga mais tempo do que deve, o público não mais o aplaude. Há um ditado que diz: é importante sair quando o público ainda quer te ver, não quando ele quer que te retires. Eu penso assim".

Aí está, nestas palavras, não apenas o Pelé jogador, mas também o Pelé cidadão, consciente, sensível e inteligente. Verdadeiramente sábio até na retirada. Uma retirada de Rei sem sucessor.

A máquina-apolo, muito em moda atualmente nos centros esportivos e clubes que mantêm equipes de atletas profissionais, não deixa de ser mais uma significativa contribuição tecnológica a esse setor. Sua utilização, entretanto, parece que não vem tendo os cuidados necessários, o que redundará em sérios prejuízos, principalmente para os atletas e demais pessoas que dela se utilizam nas suas práticas esportivas.

Quem faz tal advertência é o Professor Lourinaldo Rodrigues, titular da Cadeira de Futebol, do Núcleo de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, atualmente fazendo o Curso de Pós-Graduação (a nível de Mestrado) na Universidade de São Paulo. Na Alemanha, ele fez Curso de Especialização na Cadeira de Futebol, além de possuir amplo currículo como ex-fisicultor e técnico de futebol(juvenisdos principais clubes da Capital pernambucana.

OS EQUÍVOCOS

Explica o Prof. Lourinaldo que a máquina-apolo tem aplicações diversificadas, isto é, de acordo com as carências do atleta. É que o trabalho de força pode ser aplicado em três setores, com a mesma finalidade, porém com objetivos distintos: primeiro, temos a sua aplicação no haterofilismo como competição, os chamados levantamentos olímpicos; segundo, é utilizado na modelagem física, na preparação da massa muscular, com vistas à beleza das formas do corpo humano, indispensáveis nos concursos de Mistery, terceiro, como complementação a aplicação dentro de um programa de treinamento visando alcançar os três tipos de força existentes — a força máxima, a força de resistência e a força de velocidade.

Nesses três tipos de força — máxima, de resistência e velocidade —, consiste o segredo da utilização da máquina-apolo. "É preciso, pois, que quem vai aplicar o trabalho de força, tenha consciência e conhecimento das reais necessidades do atleta, e, a partir daí, possa estabelecer programas de treinamentos específicos para obtenção de um daqueles tipos de força.

Máquina-apolo: uma faca de dois gumes, se utilizada indevidamente

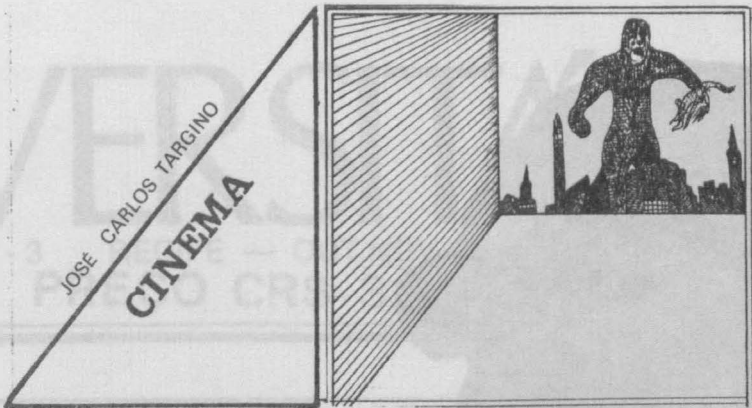


Entende o Prof. Lourinaldo que o problema maior não é conhecer ou não a máquina-apolo. Pois, ao especialista é indispensável o conhecimento pleno dos efeitos fisiológicos obtidos através do trabalho de força, especialmente ao futebolista com relação às forças de resistência e de velocidade. Com o conhecimento dessas duas forças, poder-se-á, segundo um planejamento anual específico, determinar onde, quando e como será a hora exata da exploração desse trabalho.

Temos conhecimento — revela — de que a aplicação do trabalho de força vem sendo feita de maneira indistinta, sem a observância de alguns princípios fisiológicos e biológicos importantíssimos dentro do treinamento. As consequências dessa inobservância irão refletir sobre o aumento de lesões e traumatismos, ou mesmo os microtraumatismos (de repercussão mediata). Vejamos alguns casos práticos: uma das condições básicas para aplicação do trabalho de força, é que o músculo esteja suficientemente aquecido e não tenha sido submetido a um esforço intenso anterior. Normalmente ocorre que o atleta, após a sessão normal de treinamento com bola ou mesmo de uma outra valência física, recorre à máquina-apolo para complementar o seu trabalho, incorrendo aí o maior erro, ferindo frontalmente os valores da aplicação do trabalho de força. Podem surgir daí os chamados microtraumatismos, isto é, o aparecimento de lesões como resultado do desconhecimento ou desrespeito do princípio acima estabelecido (o de trabalhar o músculo em perfeita condição de repouso e devidamente aquecido).

Em síntese, na opinião do Professor Lourinaldo Rodrigues, fundamentado, obviamente, nos princípios da moderna técnica do treinamento desportivo, conforme tem ressaltado em aulas dadas no primeiro curso de Medicina Esportiva em Pernambuco, para médicos, sob o patrocínio da FESP, são esses os principais aspectos que dizem respeito à preparação e utilização da força no campo dos desportos.

Advoga, assim, a necessidade de se estabelecer um planejamento anual visando dotar o atleta de todas as qualidades e valências físicas de que necessita para obtenção de alto rendimento, considerando cada um dos elementos necessários ao bom condicionamento: resistência, velocidade, força, mobilidade e agilidade e os aspectos psicológicos.



Enlatados:

Wasserman

teve a idéia

A última edição de VEJA traz uma pequena reportagem do correspondente da revista no México, Wladir Dupont, sobre a MCA—TV, a maior fábrica de enlatados para a televisão. A MCA—TV produz, entre outros, os indefectíveis «Kojak», «A Mulher Biônica», «O Homem de 6 Milhões de Dólares», «Baretta» e «Columbo», todos sobejamente conhecidos do infeliz telespectador brasileiro. Com a palavra, Wladir Dupont: «Atualmente, a MCA—TV, parte do complexo MCA—Universal, do qual Wasserman é o dirigente máximo, possui 200 acres no San Antonio Valley, a menos de meia hora de automóvel de Hollywood, onde estão instalados 35 palcos de filmagem e trabalham 7.500 operários. Além de filmes convencionais, os estúdios produzem as séries para a televisão da MCA, responsável por catorze das 63 horas de programação do chamado horário nobre das emissoras americanas».

Esse «Wasserman», citado no parágrafo acima por Dupont, é Lew Wasserman, o cidadão que, em 1950, apavorado com a escalada da televisão nos Estados Unidos, que ameaçava o prestígio da indústria cinematográfica, resolveu, num gesto intempestivo, aderir às hostes inimigas — procurando, assim, enfrentar a incipiente mas atordoadora ameaça. Continua Dupont: «Assim, ao contrário de muitos magnatas do cinema, Wasserman resolveu aliar-se, produzindo seriados para a televisão. Inaugurou as séries semanais com as histórias de suspense de Alfred Hitchcock e imediatamente, numa profética jogada comercial, comprou por 50 milhões de dólares toda a produção cinematográfica da Paramount até 1948. Eram 750 filmes que Wasserman passaria a alugar a todas as estações de TV do país».

Mas Wasserman não ficaria só nisso. «Sempre preocupado em crescer, ele daria mais tarde um outro passo altamente arriscado: comprou os então decadentes estúdios da Universal por 11 milhões de dólares e gastou mais de 110 milhões em reformas». Quer dizer, gastou em reformas uma quantia que daria para comprar mais de uma dezena de estúdios. Valeu a pena? Responde o correspondente de VEJA no México: «Apesar desse êxito, as produções para a TV americana cobrem apenas 75% dos custos da MCA, provocando um prejuízo anual de 30 milhões de dólares. Ai entra a importância do mercado externo e a sábia jogada de Wasserman, ao comprar os longa-metragens da Paramount. Boa parte dos lucros e a cobertura dos prejuízos vêm da exportação para o mercado internacional. A MCA dubla seus filmes em francês, italiano, alemão, espanhol, japonês e português. Só na cidade do México existem quatro estúdios de dublagem para o espanhol. E em todas as suas negociações com o mercado estrangeiro a empresa não deixa de colocar nos **packages** (pacotes) os outros produtos de sua linha de montagem, como shows variados e filmes de longa metragem».

Os chefões da MCA—Universal, contudo, garantem que não dispõem de nenhum recurso mágico que possa garantir a eterna estabilidade de semelhante sucesso. Sidney Schemberg, presidente da MCA—Universal, disse numa entrevista concedida à revista FORTUNE: «Aqui estamos lidando com o processo criativo, e quem pensa que pode usar o mesmo sistema de controle da General Motors é louco. Não se pode reduzir o produto a salsichas — e quem faz isso vai à falência». Deus permita que isso aconteça.

Um Pecado em Cada Alma — No mínimo, uma soberba demonstração de como se deve proceder para fazer um bom western. O diretor, o polonês Rudolph Maté, aportara em Hollywood em 1934 (tinha 36 anos de idade) e era mais conhecido como fotógrafo. Antes, trabalhara em Viena, Berlim e Paris — onde fotografou o clássico O Martírio de Joana D'Arc, do dinamarquês Carl Dreyer — e somente passou à direção porque o roteirista Don Hartman não conseguia resolver problemas técnicos surgidos com Tem que Ser Você (It Had to be You). Este seu Um Pecado em Cada Alma (The Violent Men) foi realizado em 1955. Maté, comumente subestimado como diretor e apenas valorizado como fotógrafo, impôs a Um Pecado em Cada Alma um ritmo ágil, um conteúdo denso e patético, além de ter arrancado dos atores, Glenn Ford e Barbara Stanwyck, retumbantes interpretações. Mrs. Stanwyck, uma espécie de musa do gênero, funciona como um misto de Medéia e Lady Macbeth devidamente transplantadas para o ambiente agressivamente poético das pradarias. Glenn Ford, que faz um ex-capitão confederado sedento por justiça, é o seu ferrenho opositor nesta pequena obra-prima de bom gosto, digna dos maiores encômios, justamente por estarem escasseando coisas de semelhante estatura.

King Kong — Muito provavelmente, este filme de Merian Cooper é o mais remoto ancestral dos *disast-movie*. Associado a Ernest B. Schoedsack (produtor) e a Willis O'Brien (responsável pelos efeitos especiais), Cooper realizou uma indiscutível obra-prima da chamada *science-fiction*. «King Kong é caso único na história do cinema, um sonho integralmente filmado», observou o crítico Jean Boudet. Desenhando plano por plano o seu sonho pessoal — segundo um processo mantido em absoluto sigilo e por isso mesmo facultando aos observadores todos os delírios de imaginação — O'Brien parecia tomar fielmente as palavras que Freud ouviu de um paciente: «Posso desenhar o meu sonho, mas não saberia contá-lo com palavras». Rodado em 1933, King Kong fez as delícias

de um país mergulhado em grave crise econômica. Escapismo? Talvez. Já na sequência inicial, porém, verifica-se uma alentadora demonstração dos efeitos da quebra da bolsa de Wall Street. No cômputo geral, a estrutura simbólica do filme desaguando no seguinte quadro: a sexualidade e o mito de Édipo, sublimações sádicas e o contraste de duas civilizações dominadas por monstros — a América moderna colocada diante da depressão econômica e a miséria. E tem mais: para o historiador do cinema Elliot Stein, o filme de Merian Cooper "é o primeiro na história do cinema no qual estão reunidos simultaneamente todas as grandes ideologias do nosso tempo. Quando a muralha de Skull Island se abre, estamos não somente diante do monstro, mas também sob a sombra inquietante de Marx, Freud e Jung". Agora, um detalhe: a crise econômica não permitia grandes custos de produção, e o King Kong de Cooper custou apenas a irrisória quantia de 42 mil dólares.

Cukor — quase octogenário, mas em ação — A Rede Globo acaba de levar aos vídeos de, com certeza, uma pequena parcela dos seus milhões de telespectadores, oito filmes do renomado diretor norte-americano, adorado pelos franceses, Georges Cukor. A homenagem a Cukor incluiu um dos seus trabalhos mais significativos: Um Rosto de Mulher, realizado em 1941 — A Meia-Luz, Jornada Infernal, David Copperfield, Demônio de Mulher, Justine, Nascida Ontem e Amor Entre as Ruínas, este último concebido exclusivamente para a TV, compunham o restante da retrospectiva. Amor Entre as Ruínas, de 1975, foi realizado para a televisão inglesa. Mas Cukor não deu a mínima importância à malfadada estética estabelecida da TV, preferindo "ser fiel aos seus brocados pessoais, dos mais vistosos e raros, que às cristalinas do cinema só exibiram e conservam" (Sérgio Augusto). Amor Entre as Ruínas é, ao mesmo tempo, um veículo bastante adequado às habitualmente esfuziante performances de dois, merecidamente, esplêndidos atores: Lorde Laurence Olivier e Katharine Hepburn. Pobre de quem perdeu.



LUA CAMBARÁ

Uma visão não muito comum no cinema brasileiro foi a que prevaleceu na feitura de «Lua Cambará»: filme Super-8, metragem longa, produzido e dirigido por Ronaldo Correa de Brito, Horácio Careli Mendes e Francisco Assis de Sousa Lima. Raríssimas vezes um trabalho de grupo se manteve tão seguramente unitário como o que foi levado a efeito neste filme. Talvez porque a semelhança de espíritos existente entre Francisco Assis de Sousa Lima e Ronaldo Correa de Brito — excelentes escritores — viesse contribuir para tanto.

Nunca vi texto mais compacto e belo para roteiro e argumento cinematográfico.

O fato de o filme não se ter utilizado da costumeira linha demagógica, de tônica política contestatória, e ainda a distinção, raramente percebida entre o sentido místico das coisas e a superstição (coisas, aliás, bastante diversas) permitiram que se inaugurasse uma linha nova no cinema brasileiro.

Numa estranha fidelidade à terra, porém sem regionalismos viciados, «Lua Cambará» mostra um profundo conhecimento não só da cor local, mas das raízes, mais entranhadas que as sociológicas, que o determinaram. Na certeza houve falhas, mas é preciso distinguir entre pobreza de recursos técnicos e a técnica propriamente dita ou tomada num sentido estrutural.

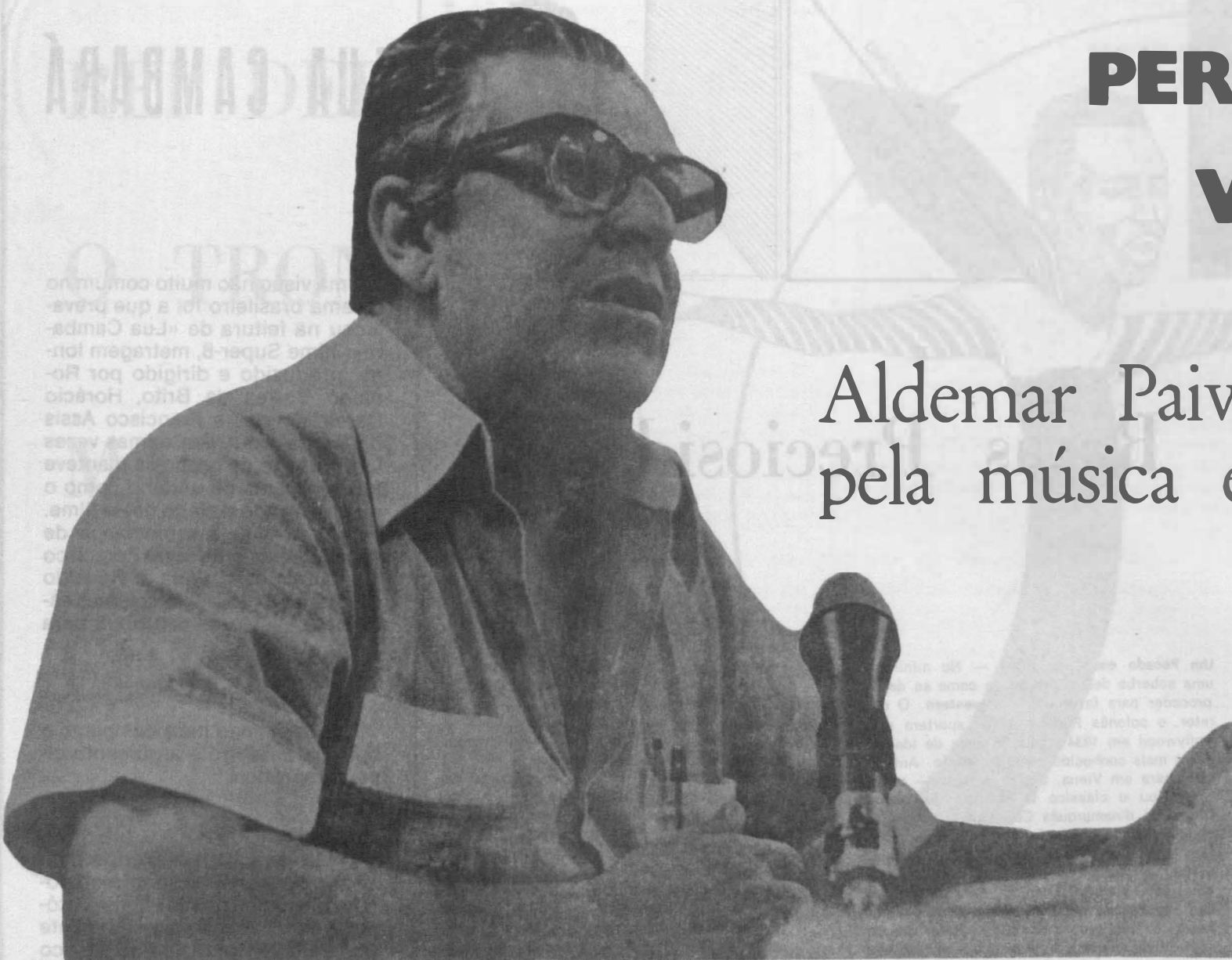
A fotografia, por exemplo, não deixou de mostrar sua beleza, apesar de prejudicada por falta de melhores projetores. Por outro lado, a influência de Pasolini, no jogo das cenas, veio enriquecer com uma linguagem puramente gestual e simbólica a nossa, geralmente escassa de imaginação, produção cinematográfica.

Destaquem-se a contribuição de Luís de Goyanna, como narrador do filme, e a estréia, como atriz, de Avelina Brandão, esposa de Ronaldo Correa de Brito, a qual, com sua beleza serena e enigmática, ganhou no filme a dimensão ainda maior de beleza e enigma, ao encarnar a figura bárbara e cruel, se bem que lindíssima, de «Lua Cambará».

Destaque-se, ainda, entre outras cenas, a do enterro de Lua Cambará conduzida numa rede, ao canto pungente das «excelências», e, nesta cena, o recurso à cavalgada, ao lado do canto, por parte dos acompanhantes vestidos de branco, todos beatos nordestinos, mostrando, dessa forma, a união simbólica entre a dor (representada pelos cantos de morte) e o sentido de batalha (representado pela cavalgada).

PERNAMBUCO VOCÊ É MEU

Aldemar Paiva: um jubileu pela música e pela cultura



Há 25 anos atrás, precisamente, a radiofonia pernambucana deu um largo passo, oferecendo ao público ouvinte a oportunidade de contar com um programa diferente, cheio de variedades, enfatizando a nossa cultura, principalmente o folclore. A começar pela nossa música, o choro, o frevo. Foi na Rádio que o Programa «Pernambuco Você é Meu» foi ao ar pela primeira vez, lá permanecendo durante 15 anos, transferindo-se para a Rádio Jornal do Comércio, onde continua até a presente data, exatamente agora, comemorando o seu jubileu de prata.

Há 25 anos que "Pernambuco Você é Meu", vem despertando todas as manhãs os ouvintes da "emissora que fala do Brasil para o mundo". "Já deixou de ser um programa de rádio, é quase um velho hábito", esclarece Aldemar Buarque Paiva, 50 anos, o idealizador e apresentador do programa, ao divulgar para a região o frevo e tudo que for Pernambuco, com o seu estilo próprio; sua voz vibrante, gingando o corpo como se dançasse diante do microfone... Um poeta da palavra.

"Alagoano de nascimento, Maceió mesmo. Nativo de Câncer. Recifeense honorário através de título de Cidadão do Recife, outorgado pela Câmara Municipal", assim se define o radialista que estudou para ser arquiteto, chegou até a ocupar uma prancheta do Departamento de Viações e Obras Públicas, mas "abandonei tudo pelo rádio, teatro e TV". Hoje tem uma firma: AP PROMOÇÕES, que produz audiovisuais para o Brasil inteiro. Atualmente realiza dois importantes trabalhos para o Governo do Amazonas: um sobre a revitalização da Zona Franca através da SUFRAMA (dez anos de atividades em Manaus) e outro sobre os Festivais folclóricos do Paraíso Verde.

HOJE É DIA DE CHALEIRA

Este mês o radialista passará por duas experiências importantes em sua vida: seu programa conquistará um feito talvez inédito no país, o de permanecer um "jubileu de prata" no ar e ter sempre como comandante um único apresentador; e por esses dias será lançado seu primeiro livro de poesias: "A Chegada de Nelson Ferreira no Céu". Sobre o programa, Aldemar acrescenta: "É eclético. Informa, diverte, instrui, e ainda ajuda no leite das crianças".

E se orgulha ao dizer que "Pernambuco Você é Meu" nunca tocou música de gringo, só repertório do Brasil e especialmente, de Pernambuco". Ao explicar como a coisa se processa, entre um e outro "tudo bem", o "velho" Aldemar Paiva se transforma num jovem empolgado pelo que faz: "Meu programa não tem script, é aquela avalanche de informações, aquele bate-papo gostoso... A única coisa programada mesmo é o Recado de Medeiros Cavalcanti, contratado com exclusividade pelo próprio programa".

Neste dia a crônica de Medeiros Cavalcanti versa sobre os sonhos. O radialista, que é tido como o melhor na profissão pelo humorista Chico Anísio, seu grande aluno de rádio e admirador, olha as palavras sobre a mesa como se preparasse para entrar num

palco onde não existam só ouvidos, mas olhos, bocas, rostos. O corpo percorre a cadeira numa expressão corporal que lembra um ritual ao microfone inocente de quase tudo, a música de fundo invade a sala do estúdio B, castigando a sensibilidade de Aldemar e dos ouvintes. Ele respira fundo, franze a testa, segura firme o texto e lê "Banco de Sonhos" como se dançasse ao som das palavras.

Nota o repórter observando seu estilo, mas está de tal maneira envolvido que não se abala e continua a se envolver mais e mais, numa vocação que o faz despertar todos os dias, junto com as fãs, que de casa escutam sua gostosa prolixidade: "Nosso programa hoje está triste, morreu Raul Valença, Raul vai embora e de vez, nosso programa é mais saudade ainda, hoje é dia de chaleira...". E por falar de saudade, é de sua autoria um dos mais lindos versos musicados por Nelson Ferreira:

"Quem tem saudade não está sozinho
Tem o carinho da recordação
Por isso quando estou mais isolado
Estou bem acompanhado
Com você no coração
Um sorriso, um abraço, uma flor
Tudo é você na imaginação
Serpentinas e confetes
Carnavais de amor
Tudo é você no coração
Você existe como um anjo de bondade
E me acompanha neste frevo de Saudade"

VIOLÃO E MULHER BONITA

Sobre a estréia do seu primeiro livro de poesias, "A Chegada de Nelson Ferreira no Céu", Aldemar Paiva deixa transparecer a necessidade de homenagear um grande amigo: "Aliás, minha única e grande vaidade: fui e sou parceiro de Nelson Ferreira em mais de vinte composições, inclusive hinos e valsas". A edição marcará um ano da morte do compositor que tinha mais de 50 anos de frevo.

Cutro programa, agora na televisão, que ele apresenta é o "Clube do Tetê". "Bem, o programa é do Rádio Jornal do Comércio e do Fernando Silva. Estou nele por causa da TV que realiza uma reportagem semanal, diretamente do auditório da Marquês do Recife. É inédito isso de encher uma casa de espetáculos depois da meia-noite, quando o programa vai para o ar", e reforçando seu humor Aldemar conclui, "o que violão não fizer, nada mais faz sobre a face da terra. Violão e mulher bonita".

A importância do seu programa para a preservação de uma manifestação folclórica, o Frevo, que aos poucos está ficando esquecido por consequência natural da falta de divulgação, é indiscutível. "Pernambuco Você é Meu", oferece uma linguagem bem nordestina, evidenciando nossos aspectos culturais, eternizando nossas manifestações artísticas como poucos programas que ocupam nossas rádios. Mesmo porque Aldemar já faz parte do nosso vasto acervo cultural devido a sua ferrenha participação em músicas, programas, acontecimentos marcantes da história do Recife. Recife que ele tanto ama e que conhece a fundo seu carnaval:

"Eu não sei. Sinceramente, o que está acontecendo com o carnaval do Recife, não sei por que ele anda tão conflitado. O carnaval do Recife é diferente, é autêntico, é típico, com suas agremiações, com seu povo na rua, com sua espontaneidade. Dizem os entendidos que o carnaval do Recife vem perdendo suas características, e que não resta nem sombra do que era antigamente. É válido que algumas emissoras venham a transmitir em cores o carnaval do Recife, mas, também é válido o pensamento de Fernando de Oliveira, do saudoso Nelson Ferreira e tantos outros: que o desfile de rua não devia estar preso a coisa nenhuma, é a massa humana, solta, tranquila... O carnaval do Recife devia ser organizado na sua velha desorganização".

Considera Geraldo Leal como melhor radialista de Pernambuco, Claudionor é o que melhor canta frevo junto com Expedito Baracho e lembra que existe teatro por aqui também, sendo seu ator preferido o dentista Reinaldo de Oliveira. Faz questão de citar dois compositores de frevo: Capiba e seu inesquecível parceiro, Nelson Ferreira. Outra coisa que o fascina é a televisão: "Gosto de TV. TV ao vivo como antigamente, aqui entre nós. Já dirigi quase tudo em televisão. Do telejornalismo ao teatro. Posso não ser um bom vídeo, mas como todo gordo que se preza tenho um compromisso muito sério com a minha alegria de viver. Por isso estou sempre contente diante das câmaras".

Mas a verdade é que 25 anos passaram tão depressa assim, que talvez nem todos puderam perceber a importância de "Pernambuco Você é Meu". Ainda há tempo. Este mês vai ser todá festa para Aldemar Paiva e aqueles que se interessam pela arte popular, sua divulgação e preservação. E quando o programa vai terminando, ele encosta a voz no microfone como se o beijassem em despedida e canta: "até logo meus amigos, mas não fiquem tristes, todo fim marca um grande princípio".

